UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
UNAERP
CURSO DE JORNALISMO

LUCIANO BEZERRA DA SILVA FILHO

RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO MULTIPLATAFORMA: EXILADOS

RIBEIRÃO PRETO
2020

LUCIANO BEZERRA DA SILVA FILHO

RELATÓRIO DO PRODUTO MIDIÁTICO MULTIPLATAFORMA: EXILADOS

Relatório apresentado à Universidade de Ribeirão Preto UNAERP, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª. Me. Flávia Martelli

Ribeirão Preto
2020

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de
Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

Silva Filho, Luciano Bezerra da, 1998 -
S586e Exilados / Luciano Bezerra da Silva Filho. – Ribeirão Preto, 2020.
82 f.: il. color.

Orientadora: Profª. Me. Flávia Cortese Martelli

Monografia (graduação) - Universidade De Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo. Ribeirão Preto, 2020.

1. Refugiados. 2. Exílio. 3. Xenofobia. 4. Direitos Humanos. 5. Integração. I. Título.

CDD 070

Refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectivas têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos. Para quem está por trás dessas portas, eles sempre foram - como o são agora - estranhos. Estranhos tendem a causar ansiedade por serem “diferentes” - e, assim, assustadoramente imprevisíveis, ao contrário das pessoas com as quais interagimos todos os dias e das quais acreditamos saber o que esperar. [...] Essas pessoas com as quais estamos acostumados a coexistir em nossos bairros, nas ruas das cidades e nos locais de trabalho, nós as dividimos em geral entre amigas e inimigas, bem-vindas e apenas toleradas. [...] Sobre os estranhos, porém, sabemos muito pouco para sermos capazes de interpretar seus artifícios e compor nossas respostas adequadas - adivinhar quais possam ser suas intenções e o que farão em seguida. E a ignorância quanto a como proceder, como enfrentar uma situação que não conduzimos nem controlamos, é uma importante causa de ansiedade e medo.

(Zygmunt Bauman)

RESUMO

De acordo com dados do relatório Global Trends, emitido pelo Acnur (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), o ano de 2019 terminou com cerca de 79,5 milhões de refugiados no mundo, número que dobrou em 20 anos. A população refugiada, que não vivenciava tamanha necessidade em sair de seu próprio país desde a 2ª Guerra Mundial, atualmente enfrenta não apenas um, mas diversos fatores que as obrigam a buscar exílio, como perseguições por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política e violação de direitos humanos. Na década de 2010, ganharam destaque os grupos de refugiados da Síria, país que passa por uma guerra civil, e a Venezuela, onde as pessoas enfrentam constantes violações dos direitos humanos, sem alimentos, água, energia elétrica, entre outros serviços básicos. O presente trabalho buscou fomentar discussões, disponibilizar informações precisas acerca do assunto e revelar para a população a realidade e as adversidades vividas pelas pessoas em situação de refúgio, conhecimento que deve ser disseminado tendo em vista os constantes episódios de xenofobia registrados no mundo, assim como as causas que levam pessoas a buscarem refúgio. O trabalho reuniu em um portal jornalístico multimídia, produto midiático da área da ciência do jornalismo, conhecimentos, estudos, acontecimentos, experiências e informações obtidas com especialistas em áreas como Direito Internacional, refúgio, crises, entre outros. Também reuniu relatos de pessoas em situação de refúgio, por meio de entrevistas em profundidade que forneceram conteúdos em texto, vídeo, áudio e foto, amparados ainda por conhecimentos obtidos por meio de análise documental e pesquisa bibliográfica. Graças ao trabalho, foi possível identificar diferentes aspectos da sociedade que necessitam de um cuidado especial e que são determinantes para a integração dos refugiados, como por exemplo a infraestrutura dos locais que os acolhem, a educação e o conhecimento dos nativos acerca das diferentes culturas existentes no mundo.

Palavras-chave: Refugiados. Exílio. Xenofobia. Direitos Humanos. Integração.

ABSTRACT

According to data offered by Global Trends report, issued by the UNHCR (United Nations High Commissioner for Refugees),the year of 2019 ended with about 79.5 million refugees in the world, the number has doubled in 20 passed years. The refugee population, which did not to go through that need to leave their own country since World Second War, nowadays they are facing not only one, but several factors that force them to seek for immigration, like persecution of race, religion, nationality, political opinion and violation of human rights reasons. In the 2010s, the refugee groups from Syria, a country that is passing through a civil war, and Venezuela, where people face constant violations of human rights, without food, water, electricity, and other basics services. The present work searched for encourage discussions, provide precise information of the subject and shows to population the reality and the adversities experienced by people in a situation of refuge, that knowledge must be disseminated in view of the constant episodes of xenophobia recorded around the world, as well the causes that may people to search for refuge. That work has gathered in a multimedia journalistic portal (blog), the knowledge, by studies, events, experiences, and information obtained with specialists in areas like international law, refuge, crises, among others. It also gathered reports of people in a situation of refuge, through in-depth interviews that generated content in text, video, audio, and photo, also, they are supported by documentary analysis and bibliographic research. Thankful to this work, was possible to identify different aspects of the society that need a special care and which is crucial for the refugees integration, such as the infrastructure of the places that receive them, the education and knowledge of the natives about those different cultures present in the world.

Keywords: Refugees. Refuge. Xenophobia. Human rights. Integration.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **8**

1 SITUAÇÃO DO REFÚGIO NO SÉCULO XX **11**

1.1 REFÚGIO NO SÉCULO XXI: MUNDO 14

1.2 REFÚGIO NO SÉCULO XXI: AMÉRICA LATINA E BRASIL 15

2 OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA **16**

3 DETALHAMENTO TÉCNICO **17**

3.1 PÚBLICO ALVO 17

3.2 FERRAMENTAS PARA ALCANÇAR O PÚBLICO: BLOG 18

3.2.1 Especificações técnicas do produto 21

3.3 ENTREVISTADOS 22

4 SINOPSE FINAL **24**

5 ROTEIRO FINAL **24**

6 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO **30**

7 RELATO DE PRODUÇÃO **31**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **34**

REFERÊNCIAS **36**

APÊNDICES **40**

ANEXOS **76**

APRESENTAÇÃO

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945), deixou um saldo de 40 milhões de refugiados (WATANABE, 2017, p.9), desde então, o mundo jamais deixou de observar ao longo dos anos contingentes de pessoas sendo deslocadas forçadamente de seus países por questões como perseguições relacionadas a religião, raça, opinião política, orientação sexual, nacionalidade, e também pela grave violação dos direitos humanos e guerras (ACNUR, 2020, p.1, online).

De acordo com relatório divulgado em 2020 pelo Acnur (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), existem cerca de 79,5 milhões de pessoas em situação de refúgio no mundo e, segundo o Alto Comissário da entidade, Filippo Grandi, os dados revelam uma tendência de crescimento.

A declaração e a realidade dos números se notam, entre outras coisas, pelos campos de refugiados. Na Europa, os campos se tornaram os novos lares das pessoas que saíram de seus países em busca de uma vida melhor e, algo que era para ser provisório tem durado anos. Na Grécia por exemplo, a superlotação dos abrigos é uma realidade vivida por muitos, além disso, a falta de segurança, saneamento básico e principalmente o declínio da saúde física e mental são outros problemas que essa população enfrenta (MÉDICOS SEM FRONTEIRAS, 2018, p.1, online).

Outra triste questão envolvendo os refugiados está relacionada a quantidade de mortes. Desde 2014 ao menos 15 mil pessoas morreram ao tentarem fazer a travessia de países do Oriente Médio e África por meio do Mar Mediterrâneo em direção à Europa, devido ao naufrágio de centenas de embarcações irregulares (ONU NEWS, 2019, p.1, online).

Saindo da Europa e alternando a visão para a realidade da América Latina, o cenário também é desanimador. Mais de 4,7 milhões de venezuelanos saíram do país devido a grave crise econômica, política e social, o segundo maior contingente do mundo, atrás apenas da Síria, com 6,6 milhões.

Assim como acontece no velho continente, os refugiados venezuelanos buscam exílio em países próximos como Colômbia, Peru e também o Brasil. No entanto, a situação dessa população tem se revelado tão ruim nos países de destino

quanto nos de origem. No Brasil, casos de xenofobia, preconceito e até mesmo agressões físicas e assassinatos são relatados pelos refugiados, especialmente em Roraima (RAMALHO, 2019), estado brasileiro que mais tem recebido esses grupos.

Em todos os cantos do mundo, vem sendo observado um crescimento de políticas e discursos anti-imigração (RFI, 2019). Assim como os problemas que permeiam as causas do refúgio não são solucionados, a questão do acolhimento também está longe de ser unanimidade.

Na década de 2010 os acontecimentos citados anteriormente ganharam grande repercussão na mídia internacional, especialmente em 2015, após a divulgação de imagens como a de um criança síria morta à beira da praia (MOURENZA, 2015). A tragédia foi replicada nas redes sociais e revelaram o assombro da sociedade frente às adversidades dos refugiados. No entanto, apesar da comoção, os anos se encarregaram de fazer com que o mundo se esquecesse desses eventos e voltasse à rotina.

Dessa forma, o presente trabalho buscou abordar o tema por meio de um portal multimídia para trazer luz, novamente, as dificuldades vividas pelas pessoas em situação de refúgio no Brasil e no mundo, com a produção e a divulgação, em um portal multimídia, de conteúdos informativos sobre o assunto como dados, conceitos, análises e também entrevistas com especialistas da área e com refugiados.

O produto se torna cada vez mais pertinente ao passo que é um instrumento importante para que a sociedade possa começar a se conscientizar sobre o problema e seja um valioso agente de transformação dessa realidade, fomentando avanços nas políticas públicas de acolhimento, integração e de combate à xenofobia. Além disso, é uma forma de mostrar para a sociedade como diferentes pessoas de culturas distintas podem contribuir para as comunidades nas quais estão tentando se inserir, agregando conhecimentos, visões, valores, entre outros.

O trabalho foi realizado com o uso de quatro métodos, sendo eles pesquisa bibliográfica, análise documental, entrevista em profundidade e entrevista semi-aberta. Na fase inicial do projeto a mais importante foi a pesquisa bibliográfica, método que busca “[...] identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação [...] para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico.” (DUARTE;BARROS, 2017, p.51). O procedimento foi realizado em obras sobre refúgio de autores como Zygmunt Bauman, Umberto Eco e José Henrique Fischel de

Andrade, e sobre teorias jornalísticas acerca de blogs e jornalismo digital de Henry Jenkins, Raquel Longhi e Teresa Leonel.

Na fase de produção do produto o método mais relevante foi entrevista em profundidade. Esta metodologia “[...] trata da entrevista individual em profundidade, técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências [...] (DUARTE;BARROS, 2017, p.62). Ao ser empregada exclusivamente em entrevistas com pessoas em situação de refúgio, essa técnica permite obter “[...] intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística.” (DUARTE;BARROS, 2017, p.62), contribuindo com a intenção de recolher histórias naturalmente impactantes.

A constituição do blog multimidiático de nome Exilados se deu por meio de uma página na internet, que possui conteúdos em texto, áudio, foto e vídeo, produzidos a partir do sistema de coleta de dados citado acima e das entrevistas realizadas.

1 Situação do refúgio no século XX

As migrações populacionais certamente fizeram ao longo dos anos, parte integrante da história da humanidade, elas foram e continuam sendo, em determinada parcela, responsáveis pelo povoamento de terras, descoberta de territórios inexplorados ou mais propensos para a vida, e até mesmo contribuindo com o crescimento e o desenvolvimento populacional, econômico e cultural de uma região.

Dentre as diversas razões que influenciam o deslocamento de pessoas de uma cidade, estado ou país, para outro, a busca por melhores condições de vida se destaca, uma vez que a migração também pode ser classificada como uma das soluções para problemas que acometem diferentes áreas das sociedades, que podem ser econômicos, políticos ou sociológicos (JANSEN, 1969). No entanto, se encontram de um lado menos brando dessa mesma história os refugiados.

No contexto pós-Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a premissa maior do que significava ser um refugiado tinha relação exclusiva com a própria guerra que acontecia. “No início da guerra, medidas eram tomadas para solucionar o problema sério dos refugiados; com o fim do conflito, essas medidas já não se faziam mais necessárias” (ANDRADE, 2006, p.45). Sendo assim, se tratava de uma condição provisória, não havendo qualquer garantia de que o período no país de acolhida fosse permanente ou até quando o refugiado quisesse.

Nesse cenário, a condição de refugiado era dado para pessoas que se encontravam fora da proteção de seu país, e era um direito garantido pela Liga das Nações (LdN), organização internacional fundada pelos países vencedores da primeira guerra, que atuou entre 1920 e 1946, e que acabou se incunbindo de administrar a situação dos refugiados, além de estabelecer uma série de medidas para garantir a paz entre as nações, principal motivo para o seu surgimento.

Segundo Andrade (2006), acreditava-se na época que a repatriação poderia ser o fim ideal para a jornada dos refugiados, como forma de restabelecer a ordem e a vida das pessoas tal como era, no entanto, esta tarefa se revelou cada vez mais difícil de executar na medida em que a LdN não conseguia chegar a um acordo com os países envolvidos nos planos de repatriação, pois carecia de força política. Outro fator que impediu os acordos e foi levado em consideração, foi a falta de interesse e a recusa dos refugiados em regressar ao país de origem, uma vez que, mesmo com o fim dos conflitos, inseguranças e temores perduraram.

Tendo em vista esse cenário de grandes impasses e estagnação nas políticas acerca dos refugiados, a organização procurou meios para aproveitar a estadia dessas pessoas nos países, como a criação de empregos. No entanto, houve um desgaste enfático na imagem da Liga das Nações quanto a sua autoridade na resolução de conflitos e, ainda, com o forte abalo econômico causado pela crise de 1929, pôs em cheque qualquer solução que viesse a ser apresentada (ANDRADE, 2006)

Com os crescentes problemas enfrentados pela Liga das Nações ao longo dos anos, pouco a organização pôde fazer em prol dos refugiados que, apesar de em menor número, não paravam de surgir mesmo durante o período entre-guerras.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial em 1939, era previsto que mais uma vez o número de pessoas forçadas a abandonar seus países fosse crescer exponencialmente. De acordo com Watanabe (2017), ao final do conflito, em 1945, contabilizava-se mais de 40 milhões de refugiados, número muito superior aos 4 milhões provenientes da Primeira Guerra.

Ao todo, 26 países participaram desse segundo grande conflito. Pesquisadores ainda buscam chegar a um consenso, mas estima-se que o saldo de mortes tenha sido entre 50 e 85 milhões de pessoas, entre civis e combatentes; a perseguição nazista aos judeus levou a morte, de forma brutal, cerca de 6 milhões de pessoas, entre homens, mulheres e crianças, e o prejuízo econômico e material foi sem precedentes, especialmente na Europa (BAUER, online, 2019).

Em meio a um cenário de caos, o mundo se deparou com a necessidade de realizar profundas mudanças. “Após massiva violação dos direitos humanos causada pela Segunda Guerra Mundial, a preocupação com a problemática dos refugiados ganhou prioridade” (WATANABE, 2017, p.16).

Algumas medidas foram tomadas logo após o fim da guerra. Em 24 de outubro de 1945 foi fundada a Organização das Nações Unidas (ONU), após a sanção da Carta por China, Estados Unidos, França, Reino Unido e a antiga União Soviética, bem como pela maioria dos países em condição. O principal objetivo da organização era e continua sendo, criar e colocar em prática mecanismos que possibilitem a segurança internacional, desenvolvimento econômico, definição de leis internacionais, respeito aos direitos humanos e o progresso social (ONU, 2020).

Andrade (2006) aponta ainda que a problemática acerca dos refugiados era considerada na época apenas mais uma das consequências da guerra, porém, como

a questão não se resolvia, passar a pensar em maneiras de pôr um fim aos deslocamentos forçados foi algo natural. Assim, planos foram sendo desenvolvidos e na década seguinte seria presenciado um dos momentos mais importantes para a trajetória dos refugiados.

Graças a ONU foi possível a criação de uma organização para cuidar exclusivamente das questões acerca dos refugiados, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR, 2020). A instituição foi criada em 1950 com o intuito de promover cuidados em diferentes aspectos, para milhões de pessoas que foram forçadas a abandonar seus países, tendo como causa principal, mas não exclusiva, a Segunda Guerra Mundial.

A Organização iniciou suas atividades em 1951 e a área de atuação do ACNUR se restringia apenas a Europa, seu mandato tinha um prazo pré-determinado de três anos que, ao chegar ao fim, poderia ser renovado ou não. Seu trabalho tinha como base a Convenção de 1951, que determinava quem e em quais condições uma pessoa poderia ser considerada refugiada, além de esclarecer os direitos e deveres dos refugiados e dos países que os acolhem. Porém, como esse problema parecia não ter fim, conclui-se que o ACNUR deveria não apenas manter, como também aumentar sua área de atuação e o período de seu mandato (ACNUR, 2020).

> O Protocolo de 1967 reformou a Convenção de 1951 e expandiu o mandato do ACNUR para além das fronteiras europeias e das pessoas afetadas pela Segunda Guerra Mundial. Em 1995, a Assembleia Geral designou o ACNUR como responsável pela proteção e assistência dos apátridas em todo o mundo. Em 2003, foi abolida a cláusula que obrigava a renovação do mandato do ACNUR a cada três anos. (ACNUR, 2020, p.1)

Além da situação de refúgio proveniente de conflitos armados, foram estabelecidas outras razões que levam uma pessoa a se tornar um refugiado e, graças ao ACNUR, há uma abrangência considerável de casos. De acordo com a instituição, refugiados também podem ser pessoas que se encontram fora de seu país de origem devido a “fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos” (ACNUR, 2020, p.1).

1.1 Refúgio no século XXI: Mundo

Como já mencionado, de acordo com o Relatório Tendências Globais (Global Trends), divulgado pelo ACNUR todos os anos apresentando os dados mais recentes sobre deslocamentos forçados, o ano de 2019 encerrou com cerca de 79,5 milhões de refugiados em todo o mundo, número que dobrou em 20 anos.

Em pronunciamento referente aos dados divulgados, o Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados, Filippo Grandi, afirmou que as informações revelam "uma tendência de crescimento no longo prazo do número de pessoas que necessitam proteção por causa de guerras, conflitos e perseguições." (ACNUR, 2019).

Ainda segundo o Relatório, em meio ao número de 79,5 milhões de pessoas deslocadas é possível identificar e distinguir três grupos. Um é o de refugiados, número que no período em questão era de 26 milhões de pessoas; o segundo é o de solicitantes de refúgio, com 4,2 milhões que, segundo as diretrizes do ACNUR, são pessoas que já se encontram fora de seus países de origem, sob proteção internacional, mas que ainda aguardam para serem reconhecidas como refugiadas; e o terceiro e último grupo é composto por refugiados internos, pessoas que foram obrigadas a fugirem de suas casas, mas que ainda se encontram dentro do território dos países aos quais querem abandonar. E esse é o maior grupo, com 45,7 milhões de pessoas.

Para Santos (2015), o número de refugiados e de deslocados internos sofreu um aumento em todo o mundo, no entanto, poucas regiões concentram um grande número de exilados e a causa, na maior parte, são conflitos armados espalhados principalmente entre os continentes africano, europeu e asiático.

O Relatório do ACNUR referente ao ano de 2019 ainda revela informações sobre a origem dos refugiados. Cerca de 68% dessa população é proveniente de apenas cinco países, sendo eles Síria (6,6 milhões), Venezuela (3,7 milhões), Afeganistão (2,7 milhões), Sudão do Sul (2,3 milhões) e Myanmar (1,1 milhões).

Dentre esses países, a Síria é o que mais se destaca pelos problemas que começaram quando manifestações a favor da democracia, que faziam parte do movimento Primavera Árabe, foram respondidas com violência pelo governo do presidente Bashar Al-Assad, em 2011. A partir de então, a situação tomou proporções cada vez maiores e "protestantes se uniram a desertores militares para formar o Exército da Síria Livre, um grupo rebelde que queria derrubar o governo. Em 2012,

essa revolta armada tinha se tornado uma guerra civil completa.” (ESTADÃO, 2018). Desde então, uma crise humanitária se instalou (ONU, 2020).

1.2 Refúgio no século XXI: América Latina e Brasil

Além de conflitos armados, aspecto responsável por grande parte dos problemas citados até aqui, outros tipos de crise também possuem lugar reservado nos holofotes. Um forte exemplo dessa realidade pode ser observada na Venezuela que, nos últimos anos, vem sendo palco de grandes deslocamentos forçados, alavancados por uma profunda crise que tange os aspectos econômicos, políticos, sociais, humanitários e migratórios.

A Venezuela possui atualmente o maior contingente de refugiados da história recente da América Latina, sendo que, aproximadamente, 4,7 milhões de pessoas deixaram o país (ACNUR, 2020). Economicamente, é um dos países mais instáveis do continente, com decréscimo do PIB de 10% em 2016 e 15% em 2017, além disso, milhares de pessoas vêm sofrendo com cortes no fornecimento de água, luz, dificuldade na compra de alimentos e no acesso a serviços de saúde (G1, 2019, p.1, online). Outros países na América também apresentam contingentes de refugiados, como por exemplo Haiti e Cuba.

Para o Brasil, o ano de 2018 teve o maior número de solicitantes de refúgio, com 80 mil pedidos e, provenientes apenas de venezuelanos, foram 61.681 solicitações (ACNUR, 2019, p.1, online). Apesar do número expressivo, o Brasil não é o país que mais acolheu refugiados que saíram da Venezuela, mas sim a Colômbia, com 1,3 milhões (HÜLSEMANN, 2019, p.1, online).

Além dos problemas enfrentados pela população venezuelana em seu próprio país, ainda existem dificuldades a serem superadas, também, nos países que os acolhem. No Brasil, muitos sofrem a com a falta de estrutura e de capacidade das cidades em recebê-los e, ainda, existem os desafios culturais que impedem o bom diálogo e uma boa compreensão entre o Estado e os venezuelanos. Em confluência, os indígenas da Etnia Warao, que são a segunda maior população indígena da Venezuela, enfrentam a superlotação em abrigos provisórios como pátios de escolas e se encontram desolados pelo idioma, ao passo que a inércia dos poderes responsáveis em solucionar tais problemas persiste (VEJA, 2019, p.1, online).

A xenofobia é outro grande problema enfrentado pelos refugiados. Entre agressões físicas, verbais e até mesmo assassinatos, os venezuelanos lidam com a dificuldade em encontrar um local seguro para descansar durante a noite sem correr o risco de nunca mais acordar. Diversos casos de assassinatos brutais já foram relatados em Roraima e, tais ações são consequências e extensões do medo e da aversão aos estrangeiros, disseminados inclusive pelo governador do Estado, que chegou a solicitar barragens para impedir a entrada da população venezuelana (RAMALHO, 2019, p.1, online).

Dados tais acontecimentos, a década de 2010 foi um período em que a questão do refúgio foi tema de destaque na grande mídia internacional. Em programas televisivos e jornais, por exemplo, se tornaram comum imagens de grupos sírios chegando à Europa por meio de botes e barcos lotados, sendo que muitos naufragavam. Um dos episódios que mais causaram comoção foi a de uma criança síria, morta à beira da praia.

Demais cenários como o da Venezuela, onde sua população atravessava fronteiras a pé em direção aos países vizinhos, incluindo o Brasil, também receberam atenção da mídia pelo grande contingente. No entanto, ambas as situações, apesar de ainda se encontrarem em curso, começaram a cair no esquecimento e pouco se observa sua discussão nos mais diferentes ambientes de diálogo.

Ainda que a mídia esteja se distanciando do problema à medida que ele se torna cada vez mais ordinário e indiferente para determinada parcela da população, é possível encontrar formas para fazer com que o assunto emerja novamente para a agenda de debates.

2 Objetivos e justificativa

O produto aqui apresentado buscou reunir em um portal jornalístico multimídia (blog), especialistas em áreas como refúgio, crise migratória e acolhimento, sendo eles professores, mestres, doutores e profissionais atuantes em organizações que trabalham com refugiados que, por meio de entrevistas, revelaram fatos extremamente importantes que contribuíram para a produção de conteúdos para a plataforma. Também foi buscado abordar a questão do refúgio por meio das experiências vividas pelos próprios refugiados, localizados em diferentes regiões, incluindo a cidade de Ribeirão Preto, que cumpriram parte fundamental das produções

realizadas para o blog. Assim, tantos as entrevistas quanto as pesquisas realizadas, colaboraram para tentar trazer luz ao problema e aos desafios enfrentados pela população refugiada que se encontra no Brasil, e trazer um vislumbre do que também se passa em todo o mundo a fim de conscientizar a população sobre seus deveres e responsabilidades, proporcionar reflexões e fazê-la compreender que tem um papel fundamental na forma como os refugiados vivem.

Tratar sobre o assunto se torna cada vez mais necessário ao passo que, esse grupo, também tem relatado ao longo dos anos as dificuldades pelas quais passam quando chegam em um novo país, dentre elas, xenofobia, dificuldade de acesso a serviços de saúde, educação e políticas públicas de integração pouco eficientes se destacam. Assim, ao escaparem de uma realidade dura em seus países de origem, passam por outros problemas quando chegam em seu destino.

Muitos são esquecidos em abrigos que não possuem estrutura adequada, outros tantos se submetem a trabalhos que não estão de acordo com suas qualificações e tanto os governos quanto à população, deixam os refugiados a mercê da própria sorte. Dessa forma, falar de forma contundente sobre o assunto, fomentar discussões e reflexões por meio das palavras de especialistas e de refugiados, é uma maneira de proporcionar mudanças tanto na forma como o problema é enxergado quanto em suas mais variadas formas de resolução.

Além do intuito de contribuir para a melhora na qualidade de vida e na promoção da dignidade dos refugiados por meio da disseminação de conteúdos informativos, o trabalho também contribui com a sociedade ao disponibilizar informações relevantes e experiências que estão distantes da realidade da maioria das pessoas e, ainda, se torna mais uma fonte de pesquisa e análise para demais trabalhos relacionados ao tema que ainda serão produzidos.

3 Detalhamento técnico

3.1 Público alvo

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de brasileiros com acesso à internet têm crescido cada vez mais, sendo o smartphone o meio mais usado para navegar em sites, plataformas e aplicativos de bate-papo, entretenimento, entre outros. Já as redes sociais mais utilizadas são YouTube (95%), Facebook (90%) e WhatsApp (89%), segundo a

pesquisa “Global Digital 2019”, realizado pela agência We Are Social, que revelou as tendências sobre o uso das redes sociais no Brasil e no mundo no período. Outras redes sociais como Instagram e Twitter também apareceram na lista.

Ao analisar os dados acima, o público alvo do trabalho foi projetado para ser atingido por meio do mundo digital, não apenas pelo portal, mas também fazendo uso das mais variadas ferramentas disponíveis no cenário virtual.

Ainda de acordo com as pesquisas citadas, a faixa etária com maior acesso à internet são jovens adultos de 18 a 24 anos, e a partir desta base o ponto de partida foi estabelecido para se chegar a um grupo.

Apesar da faixa etária com maior índice de navegação no mundo online ser composta por jovens, para conquistar visibilidade, interação, engajamento e uma rede de compartilhamento, não é possível depender apenas do fluxo de pessoas, mas sim do fluxo das pessoas certas e da maneira certa e, para isso, estar presente nas redes sociais se mostrou de grande importância. .

Diferentes plataformas são compostas por diferentes públicos, logo, existem os que preferem conteúdos em texto, foto, vídeo e áudio. Levando em consideração o nicho no qual o trabalho está inserido, foi analisado que o público principal seria composto por pessoas de 20 a 45 anos, que faziam uso diário da internet, e que fossem engajadas em política nacional, internacional e em causas sociais, logo, não haveria distinção entre homens e mulheres, nem se aplicaria apenas a residentes brasileiros, já que trata de temas de interesse internacional.

Ao estar presente em redes como Facebook, Instagram, Anchor, Spotify e Twitter, foi possível observar a partir das estatísticas disponibilizadas pelas próprias plataformas, que esse público alvo pretendido foi consolidado. Depois do Brasil, os maiores acessos aos conteúdos do blog vieram dos Estados Unidos, seguidos da Venezuela, Singapura e Alemanha, e a faixa etária mais presente foram adultos de 18 a 44 anos, representando 88% dos acessos, e também idosos com 60 anos ou mais. Esses dados são resultados de aproximadamente dois meses e meio de experimentação.

3.2 Ferramentas para alcançar o público: Blog

Os chamados veículos de comunicação tradicionais como os jornais impressos, revistas, emissoras de rádio e de televisão, são partes integrantes do dia

a dia das pessoas. Presentes em bares, restaurantes, bancas, carros e casas de indivíduos de diferentes classes, faixas etárias e regiões, os conteúdos produzidos pelas práticas do jornalismo estão acessíveis para uma grande parcela da população, constituindo públicos que possuem os mais variados interesses e necessidades.

Para Schons (2007), a internet recebe, dentre tais meios de comunicação, papel de grande destaque por possuir maior amplitude e relevância no cenário mundial, sendo criada para facilitar “o acesso e a partilha de informações” (SCHONS, 2007, p.1). Já no âmbito do jornalismo, os ambientes virtuais também foram incorporados entre os meios para produzir e especialmente para difundir informações. “Nasceram outros espaços de mídia para a produção de notícia, entre eles o jornalismo online e particularmente o blog” (LEONEL, 2010, p.2).

> O blog é uma ferramenta com formatação específica facilmente distinguível na internet, estruturada por um conjunto de blocos de conteúdo textual, imagético, com links e espaço para comentários e podem ser atualizados diariamente. Outra característica é a postagem do texto em ordem cronológica inversa onde a última atualização fica aplicada no topo da página com registro da data e hora da postagem (LEONEL, 2010, p.3).

Martino (2015) ressalta que muitos dos blogs existentes abordam temáticas de cunho pessoal de seus próprios produtores, que utilizam a ferramenta como uma espécie de diário virtual, no entanto, também existem páginas voltadas para a agenda pública, estes “[...] dedicam-se ao tratamento de temas de relevância pública, misturando suas fronteiras com o jornalismo.” (MARTINO, 2015, p.169).

A gênese dos blogs jornalísticos esteve associada aos meios de comunicação tradicionais, se tornando ramificações, em especial, dos jornais impressos, porém, a noção sobre o uso da ferramenta ainda era fortemente relacionada aos diários virtuais (BRAGANHOLO 2011). “O surgimento destes blogs refletia uma percepção que ainda era minoria entre os jornalistas e teóricos: a de que o blog poderia servir como uma ferramenta de publicação e organização de conteúdo útil para o Jornalismo” (FOLETTO, 2009, p. 37 apud BRAGANHOLO, 2011, p.28).

Dentre as páginas existentes vale destacar o Blog do Noblat, criado em 2004, foi o “primeiro blog brasileiro com notícias e comentários diários sobre o que acontece na política” (NOBLAT, 2020, p.1, online). Este, de acordo com Braganholo (2011), atingiu grande sucesso ao abordar o caso do escândalo do mensalão em 2005. Na época em questão, o blog não possuía vínculo com nenhum veículo de comunicação,

mas com o tempo foi adquirido pelos portais do O Estado de S. Paulo, depois pelo O Globo e no momento se encontra hospedado no portal da Revista Veja, ainda em formato de blog. Assim, Noblat contribuiu para o fortalecimento dos novos métodos de produção de conteúdo do jornalismo digital.

Atualmente, não é possível falar sobre jornalismo digital sem adentrar no território da convergência. Este termo, cunhado pelo pesquisador em comunicação Henry Jenkins, faz referência “ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia” (JENKINS, 2009, p.29), mas não se limita a isso pois também significa que “[...] a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2009, p.30).

Para Jenkins, tais transformações abarcariam aspectos tecnológicos, mercadológicos, culturais e sociais, e ainda, que a convergência não se faz apenas por meio de aparelhos, mesmo que o processo de digitalização tenha contribuído para tal, mas sim “dentro dos cérebros de consumidores” (JENKINS, 2009, p.30), isso porque a forma como o público passou a lidar com as informações sofreu alterações, independentemente do quanto foram e são auxiliadas por ferramentas tecnológicas como *smartphones*, tablets, computadores entre outros.

Se a internet, bem como todos os seus aparatos que facilitam mecanismos de busca, produção e distribuição de conteúdo e também a comunicação entre pessoas em qualquer lugar do planeta conquistou boa parcela da população no início dos anos 1990, os veículos de comunicação tradicionais não compartilharam do mesmo entusiasmo, afinal, assim como o rádio temeu o surgimento da televisão, ambos temeram chegar ao fim com a internet, que tinha a capacidade de comportar tudo em um único meio. No entanto, a convergência projeta-se para trazer o oposto. “Se o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas.” (JENKINS, 2009, p.32).

Assim como o Blog do Noblat citado anteriormente foi, ao longo dos anos, sendo adquirido por portais de jornais impressos, o mesmo aconteceu com os demais veículos de comunicação que encontraram formas de coexistir com as novas tecnologias.

Essa integração entre veículos, mídias e formas de produção de notícias também é compreendido pela convergência. Longhi e d’Andréa (2012) citam em uma

de suas obras exemplos de redações jornalísticas que se integraram a outras especialidades e buscaram fomentar a produção de conteúdos multimidiáticos entre os profissionais, indo para além do texto e adentrando no cenário audiovisual. Estes mesmos autores ainda apresentam um modelo de integração total da convergência, na qual “um mesmo jornalista possa produzir materiais para qualquer plataforma, tornando-se um profissional cada vez mais polivalente” (LONGHI; D’ANDRÉA, 2012, p. 39). Outro exemplo do jornalismo multimídia são os podcasts, agora produzidos não apenas por emissoras de rádio, mas também por demais veículos de comunicação como o jornal impresso, a exemplo da Folha de S. Paulo, que criou o podcast Café da Manhã, assim como O Assunto, produzido pelo jornalismo da Globo.

3.2.1 Especificações técnicas do produto

O formato selecionado para a produção do produto midiático em questão foi um blog multimídia. O site foi construído com uma página inicial estática, nela, estão contidas as matérias mais recentes referentes ao tema refugiados, tais matérias possuem recursos textuais, audiovisuais e fotográficos que por sua vez, recebem uma determinada localização para serem exibidos.

No início da página estão dispostos os menus, também nomeados como categorias, são eles “Home”, a página estática inicial onde todo leitor que acessa o blog chega; “Reportagens”, uma subpágina onde ficam matérias realizadas com especialistas sobre refúgio; “Videocasts”, subpágina de entrevistas em vídeo com os refugiados, e “Podcasts”, subpágina com matérias e entrevistas em áudio, também com refugiados, mas especialmente os que não quiseram expor sua imagem.

Abaixo do menu se encontram as postagens em destaque, local em que as imagens referentes a cada matéria aparecem, sobressaindo-se sobre as demais. Em seguida vem a categoria Reportagens com as matérias mais recentes, posteriormente uma descrição do autor do blog e do tema do produto. Abaixo as postagens referentes à categoria Podcast, com os mais recentes e por fim, os mais recentes da categoria Videocast.

A plataforma utilizada para criação do blog foi o WordPress.com, sua escolha se deu pelo fato de ter sido utilizado e estudado em outras oportunidades ao longo dos quatro anos do curso, por meio de disciplinas que envolviam jornalismo digital.

A veiculação dos conteúdos produzidos para o blog levou em consideração fatores como a disponibilidade de tempo, em vista de demais atividades e demandas ligadas ao curso e a disciplina de TCC II, o período gasto para a obtenção de fontes, realização de entrevistas e produção da matéria em si, sendo assim, foi determinado que as publicações no portal seriam feitas a cada 15 dias. Outro determinante para a decisão foi a necessidade de repercutir tais matérias em outras redes sociais.

O conteúdo editorial do trabalho baseia-se em uma contundente exposição da realidade das pessoas em situação de refúgio no Brasil e no Mundo, por meio da disseminação de dados, informações, análises e relatos que exemplificam e comprovam que os refugiados têm enfrentado situações de grande descaso por parte dos Estados e da população, a fim de criticar e fomentar profundas mudanças nos aspectos culturais e políticos que permeiam a sociedade.

A abordagem do tema em questão se deu por meio de entrevistas realizadas com especialistas na área, e com refugiados que se encontram no Brasil, que forneceram dados e relatos fundamentais para a produção de conteúdos de cunho informativo e de cunho subjetivo, a partir da visão do expatriado sobre sua própria realidade.

3.3 Entrevistados

Os entrevistados para o blog Exilados se dividiram em duas categorias; especialistas, sendo esses professores de universidades, pesquisadores e membros de instituições que prestam apoio às pessoas em situação de refúgio, e refugiados, não havendo discriminação quanto aos seus países de origem ou o que os forçaram a abandoná-los, desde que residissem no Brasil.

A primeira especialista entrevistada foi Carolina Silva Pedroso, Bacharel, Mestre e Doutora em Relações Internacionais e professora da Universidade Federal de São Paulo. Sua principal área de interesse e trabalho concentra-se na crise venezuelana, e foi esse o tema central da entrevista, que buscou abordar, também, os desdobramentos da crise e de sua população refugiada no Brasil.

Laura Donadelli foi a segunda especialista entrevistada. Doutoranda em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-graduação da San Tiago Dantas e ex-voluntária do Centro de Referência para Refugiados da Cáritas São Paulo, como assistente de acolhida, ela falou sobre suas percepções quanto ao período em que

esteve na entidade e da importância da integração para os refugiados e para a sociedade brasileira.

O último profissional entrevistado foi Nilton Carvalho, formado em jornalismo, ele é atualmente assessor de comunicação do Centro de Referência para Refugiados da Cáritas e foi indicado por Laura. Nesta entrevista, Nilton falou sobre o trabalho e os projetos desenvolvidos pelo Centro de Referência, para que fosse possível entender a importância de instituições que prestam tal apoio.

As três entrevistas citadas acima foram realizadas por meio de chamadas de vídeo com a ferramenta Google Meet, ferramenta que permite a gravação da tela e do áudio. Todas as conversas utilizaram-se do método de entrevista semi-aberta, que consiste na coleta de informações por meio de um roteiro que possui “questões-guia”, como determinam Duarte e Barros (2017). Essa metodologia “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas [...]” (TRIVIÑOS, 1990, p. 146 apud DUARTE;BARROS, 2017, p. 62).

Já as pessoas em situação de refúgio entrevistadas foram Tamar Chalian (Síria), Mohamed Dughmosh (Síria) e Enick Joseph (Haiti).

A primeira entrevistada foi Tamar, no Brasil desde 2014, ela fugiu da guerra civil que assola sua terra natal há anos. Durante nossa conversa ela falou sobre a antiga e a nova vida, dificuldades que enfrentou e sonhos que deixou para trás. Tamar havia iniciado sua formação em turismo, em uma faculdade síria, no entanto, ao chegar no Brasil não pôde dar continuidade aos estudos por não ter o domínio completo da língua portuguesa e, apesar de ter conseguido trabalho com a ajuda de conhecidos, hoje encontra-se desempregada.

Mohamed Dughmosh morava em Damasco, capital da Síria, até 2014, quando veio para o Brasil. Ele conta que em sua terra natal possuía uma loja de presentes que infelizmente foi destruída logo após sua partida. Formado em administração em uma faculdade síria ele conseguiu se tornar gerente em um restaurante de comida árabe em Ribeirão Preto. Na entrevista ele contou sobre os destroços no qual sua loja, casa e vizinhança ficou envolta, pessoas que o ajudaram e sua imensa gratidão pelo Brasil.

Enick Joseph fugiu da pobreza, da fome e da falta de oportunidades do Haiti, após o país ser devastado por desastres naturais. Sem nenhuma formação, ele

trabalha atualmente na limpeza das bocas de lobo de Ribeirão Preto. Enick saiu de seu país em 2012 e percorreu uma longa estrada por diversos países até que chegasse ao Brasil, onde encontrou um pouco de esperança, tanto para ele quanto para sua família, para quem manda dinheiro todo mês. Este refugiado revelou a tristeza e a indignação pelo preconceito que sofreu por ser preto e estrangeiro, no entanto, ainda acha melhor do que a dura realidade do Haiti.

Duas das entrevistas foram realizadas presencialmente, respeitando as medidas de segurança contra a Covid-19, por escolha dos entrevistados, sendo eles Mohamed e Enick, que também optaram pelo presencial por não aceitarem a gravação da entrevista em vídeo e a exposição de suas imagens. Sendo assim, seus relatos tiveram apenas o áudio coletado por meio do aplicativo Voice Recorder, comum nos Smartphones. A entrevista com Tamar, assim como a dos especialistas, foi feita pelo Google Meet e ela aceitou que sua imagem fosse veiculada.

No caso dos refugiados as entrevistas utilizaram-se do método de entrevista em profundidade. A técnica permite “[...] recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.” (DUARTE;BARROS, 2017, p. 62). Neste caso, o conteúdo dessas respostas ajudou a conhecer a realidade vivida por essas pessoas, para que os números e dados sobre a questão do refúgio ganhassem uma olhar subjetivo de quem o vive. “Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes [...]” (DUARTE;BARROS, 2017, p. 63).

4 Sinopse final

Exilados é um blog criado para informar, discutir, analisar e revelar os infortúnios que permeiam a vida das pessoas em situação de refúgio no Brasil e no mundo. Nesta página, é possível encontrar entrevistas com especialistas e teóricos no assunto, pessoas que atuam na linha de frente no apoio a essa população e, principalmente, depoimentos comoventes de refugiados que encontraram ou ainda estão em busca de algum conforto, enquanto lutam para esquecer traumas passados.

5 Roteiro final: matérias em áudio e vídeo

Trilha sonora (abertura)	Knowpe - Noir Et Blanc Vie
Luciano:	Olá! Sejam muito bem-vindos e bem-vindas ao primeiro podcast do blog Exilados. Meu nome é Luciano Filho, autor do blog, e neste primeiro episódio o personagem é Mohamed Dughmosh.
Trilha sonora (abertura)	Knowpe - Noir Et Blanc Vie
Luciano:	Mohamed é um refugiado sírio de 37 anos que veio para o Brasil em 2014, na época, dar continuidade em sua vida no interior de Damasco, capital do país, se tornava cada mais insustentável. Em 2020, a guerra civil na Síria completa nove anos e acumula um saldo de mais de meio milhão de mortos, além dos milhares de refugiados e demais vítimas, que sofreram de tantas outras formas. Para Mohamed, a necessidade de seguir em frente foi quando uma bomba alterou sua vista, fazendo de um prédio mais uma pilha de escombros.
Mohamed:	**Deixa inicial:** "A gente saiu de lá por causa da guerra…" **Deixa final:** "...Sou refugiado, infelizmente."
Luciano:	Também infelizmente, Damasco não permaneceu intacta. Somente neste ano, ocorreram três atentados a bomba. Mas tudo nem sempre foi um caos.
Mohamed:	**Deixa inicial:** "É verdade, eu…" **Deixa Final: "...**teve que sair de lá."
Luciano:	Além de se moldar o tempo todo para se adaptar a um novo país, a uma nova cultura e enfrentar os desafios diários para fazer parte de uma nova realidade, o lado humano, ainda assim, não escolhe terreno, momento e nem se importa com o tempo para aflorar, fazendo emergir sentimentos cultivados durante toda uma vida e que, por fim, vão embora em lágrimas.
Mohamed:	**Deixa inicial: "**Quando cheguei pra cá…" **Deixa final:** "...até hoje a gente sente falta."

Trilha sonora (transição)	Knowpe - Noir Et Blanc Vie
Luciano:	Observando o panorama geral, o Brasil não é o principal destino para os refugiados do mundo. Falando especificamente da Síria, a população refugiada do país têm encontrado abrigo principalmente na Turquia, tanto pela proximidade entre os países, quanto pelo plano turco de permitir a entrada de refugiados em troca de recursos dos demais países da Europa, que não enxergam a vinda dessa população com bons olhos.
Mohamed:	**Deixa inicial: "**A Europa pra um refugiado é…" **Deixa final:** "... só isso. Não pediu nada. "
Luciano:	Já aqui no Brasil, a escolha de Mohamed por uma região para ficar buscou o conforto e o companheirismo de um membro da família.
Mohamed:	**Deixa inicial:** "O refugiado ou qualquer estrangeiro…" **Deixa final:** "...a cidade maior."
Luciano:	Como já foi explicado por Carolina Pedroso na primeira matéria do blog sobre a Crise na Venezuela, a chegada de imigrantes gera desconforto por expor ainda mais as debilidades dos serviços públicos, e que, a causa pela precariedade dos serviços, em especial a saúde e a educação, se deve a chegada de pessoas de outros países, mas a verdade é que os nativos não se dão conta de que tudo já era ruim há muito tempo. Se a realidade de muitos brasileiros é ter que lidar, todos os dias, com as consequências do descaso do poder público, imigrantes e refugiados, apesar de enfrentarem seus próprios desafios, infelizmente, também provam dos nossos maiores descontentamentos, como a falta de segurança.
Mohamed:	**Deixa inicial: "**Quando cheguei pra cá…" **Deixa final:** "...quantas vezes foi assaltado."
Luciano:	Enquanto Mohamed segue sua vida aqui, ele acompanha como as coisas têm se desenrolado em sua terra natal. Entre as notícias de sua irmã

	e as obtidas nos jornais, ele lamenta as dificuldades que seus conterrâneos vem passando.
Mohamed:	**Deixa inicial:** “Hm.. Lá a situação ta feia demais…” **Deixa final:** “...é muito caro. Infelizmente.”
Luciano:	Ao ser perguntado sobre um possível retorno a Síria, Mohamed mostra que, agora, sua raízes encontraram outro lugar para crescer.
Mohamed:	**Deixa inicial:** “A minha família…” **Deixa final:** “... A nossa terra ficou aqui.”
Trilha sonora (encerramento)	Knowpe - Noir Et Blanc Vie
Luciano:	Eu sou Luciano Filho, e você ouviu ao primeiro episódio do podcast do blog exilados. Esse episódio utilizou áudios da TeleSur TV, Euronews e AFP Português. Para acompanhar outros conteúdos como esse acesse: exilados.blog.br Até a próxima! Tchau!
Trilha sonora (encerramento)	Knowpe - Noir Et Blanc Vie

Vinheta e trilha sonora (abertura)	Knowpe - Noir Et Blanc Vie
Tamar:	**Deixa inicial:** “Meu nome é…” **Deixa final:** “... eu sou da Síria.”
Luciano:	Faz quanto tempo que você tá aqui no Brasil?
Tamar:	**Deixa: “**Faz seis anos.”
Luciano:	O que te motivou, o que te fez vir pra cá?
Tamar:	**Deixa inicial:** “A guerra, né?…” **Deixa Final: “...** outro lugar, então.”
Luciano:	Como que era a sua vida por lá? o que você fazia no dia a dia, antes de tudo começar?
Tamar	**Deixa inicial:** “Eu fazia faculdade…” **Deixa final:** “...estudava mesmo”
Luciano:	E seus pais?
Tamar:	**Deixa inicial: “**Meus, ah, minha mãe…” **Deixa final:** “... *electricista*. “
Luciano:	O que você tem de informação de como tão as coisas lá na Síria:
Tamar:	**Deixa inicial:** “Na verdade eu…” **Deixa final:** “...notícias, aí tirei tudo.”
Luciano:	Sente falta de alguma coisa lá?
Tamar:	**Deixa inicial:** “Tudo (risos), na verdade…” **Deixa final:** “...então não adianta.”
Luciano:	Vocês tão em São Paulo?
Tamar:	**Deixa:** “Sim, São Paulo…”

Luciano:	Vocês passaram por algum tipo de dificuldade pra se estabelecer, falar o idioma… alguém já falava português?
Tamar:	**Deixa inicial:** "Não, a gente…" **Deixa final:** "...eu acho que quase tudo."
Luciano:	Você já conseguiu arrumar emprego por aí já?
Tamar:	**Deixa inicial:** "Na verdade…" **Deixa final:** "...eu quis sair."
Luciano:	Fora essas dificuldades você já passaram por algum situação de preconceito, das pessoas estranharem você na rua?
Tamar:	**Deixa inicial:** "Na rua não, assim…" **Deixa final:** "...algumas pessoas não aceitam mesmo."
Luciano:	Se tudo voltasse ao mais normal possível, você ainda gostaria de voltar pra lá, pra recomeçar a vida?
Tamar:	**Deixa inicial:** "Eu acho que não tem *aquele chance*…" **Deixa final:** "...é muito difícil."
Luciano:	E daqui a 10 anos no Brasil, como você pretende *tá*?
Tamar:	**Deixa inicial:** "Rica (risos), não sei…" **Deixa final:** "...Muito melhor do que agora, é isso."
Luciano:	Por enquanto planejar um dia de cada vez, né?
Tamar:	**Deixa inicial:** "É… é isso que eu acho **Deixa final:** "...o que que tem."
Vinheta e trilha sonora (encerramento)	Knowpe - Noir Et Blanc Vie

6 Cronograma de execução

Atividades	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Criação do blog	X					
Entrevistas com especialistas	X	X	X			
Entrevistas com refugiados	X	X	X	X		
Produção e postagem de conteúdos		X	X	X	X	X
Elaboração do relatório de produto			X	X	X	
Revisão do relatório				X	X	
Entrega final (Relatório final + produto)					X	

7 Relato de produção

A criação do produto midiático para o trabalho de conclusão de curso em questão teve início antes mesmo de sua própria concepção. Ele não se deu pela clara manifestação de um pensamento, pelo contrário, foi esgueirando-se sorrateiramente até a superfície da mente, até que em um determinado momento foi notado.

Cursar Jornalismo veio do desejo de poder fazer alguma diferença no mundo, mesmo que mínima. Ao longo destes quatro anos tive a oportunidade de produzir matérias de grande valor para a sociedade em áreas como saúde e cultura, mas especialmente de cunho social, com o intuito de dar voz para pessoas que comumente eram ignoradas e, apesar das tentativas em me arriscar em outros assuntos, sempre acabava encontrando alguma coisa muito mais interessante que a anterior. Assim, abordar a questão das pessoas em situação de refúgio não pareceu uma escolha estritamente consciente, apenas a continuidade de uma jornada para a qual senti ter nascido e, a pessoa que viria a ser minha orientadora, a professora Flávia Cortese Martelli, já havia notado isso há muito tempo e em uma conversa, quando o tema surgiu, ela prontamente me apoiou.

Desde o começo, no final do ano de 2019, sabia que não seria uma tarefa fácil, afinal, encontrar pessoas em situação de refúgio, mesmo nas melhores condições, não era algo comum. No início de 2020, enquanto realizava pesquisas bibliográficas e criava o portal, estudava formas de obter fontes, mas com o início da pandemia causada pelo novo Coronavírus foi preciso refazer alguns planos.

Antes da virada para o segundo semestre, com a indicação da minha orientadora, pude obter duas fontes, ambas da área de Relações Internacionais. Carolina Pedroso e Laura Donadelli foram as primeiras entrevistadas para o blog Exilados e suas informações contribuíram para a primeira matéria, sobre a crise na Venezuela, e ajudaram a estabelecer um ponto de partida e também uma linha lógica sobre os demais conteúdos que viriam pela frente.

A partir desse momento o projeto passou a caminhar com mais naturalidade. Obtive contatos de outros especialistas, que por sua vez me indicaram outros. Pouco antes do isolamento começar, por ironia do destino, uma ONG de refugiados fez uma visita no local onde fazia estágio, na Unidade do Sesc Ribeirão, assim, tive a chance de conhecer Tamar Chalian, uma refugiada síria que se encontra no Brasil desde 2014. Trocamos contatos, mantivemos conversas ao longo de algumas semanas para

que ela pudesse entender plenamente o intuito do trabalho e qual seria seu papel. Já em nossa entrevista, ela revelou os motivos que a fizeram abandonar o país de origem, sonhos e planos que deixou para trás e a dificuldade de construir uma nova vida e uma de suas falas que mais chamou a atenção foi “tenho saudade do que já não existe mais”, referindo-se às perdas pelas quais a guerra civil no país a fez passar.

Já no segundo semestre, tentei obter o maior número de contatos de refugiados e, para isso, fiz postagens em redes sociais solicitando a ajuda de pessoas que poderiam ser ou conhecer refugiados, algo que deu muito certo. Com isso, consegui o contato de cinco pessoas e pude realizar entrevistas com três delas.

Apesar de ter que lidar com questões técnicas de produção do produto e seus conteúdos e também com a parte teórica, foi o lado emocional o mais difícil de sustentar. As histórias contadas por esses personagens continham dor, sofrimento, perda, saudade, mas também superação e alívio e acredito que tenha sentido de tudo um pouco, sendo necessário, por vezes, fazer pausas para segurar as lágrimas durante entrevistas ou até mesmo pesquisando dados, que revelaram um cenário desconhecido e perturbador até para mim.

Em todas as entrevistas, mesmo fazendo de tudo para que esses refugiados se sentissem confortáveis, algumas vezes esbarrei com a forte barreira da autopreservação. Mohamed Dughmosh, outro refugiado da Síria, apesar de apresentar uma fala descontraída e cheia de risos optou por não fazer a entrevista em vídeo por medo de ser identificado, já que em outra oportunidade que teve para contar sua história, em outro projeto, foi alvo de risadas juntamente com outros árabes, devido à cultura de possuir mais de uma esposa.

Já em outra entrevista, dessa vez com um refugiado do Haiti, Enick Joseph, a dificuldade foi em fazer com que nós nos entendêssemos já que ele ainda estava aprendendo nosso idioma, e também explicar o propósito do trabalho, sendo que em outra oportunidade, ele também acabou sendo vítima de uma exposição indevida de sua imagem. Por fim, sua história foi a mais dura de ouvir. Desde o momento que partiu de sua terra natal em busca de novas oportunidades, dificuldade foi tudo o que conheceu, além de ter enfrentado sistematicamente o preconceito pela cor de sua pele, assunto que ele deixou bem claro que o incomoda e entristece. Felizmente, a pessoa que indicou seu contato também vem sendo uma grande amiga e tem ajudado Enick e a comunidade haitiana que convive com ele.

Nilton Carvalho, assessor de imprensa do Centro de Referência para Refugiados da Cáritas Arquidiocesana de São Paulo, revelou a importância da existência de instituições que prestam apoio aos refugiados. Questões como integração mostraram-se essenciais para a independência dessa população, e o cuidado com a questão emocional e psicológica foi um tema que não havia pensado em abordar antes, até Nilton falar sobre esse aspecto do trabalho da entidade.

Por fim, toda essa jornada proporcionou aprendizados que levarei para a vida. Profissionalmente, lidar com toda a produção de um blog, trabalhando com recursos audiovisuais, textuais, fotográficos, realizando entrevistas, editando e programando cada passo, mesmo que nem tudo de forma perfeita, apenas confirmou que escolhi o caminho certo pois a cada etapa me sentia cada vez mais grato por todas as histórias que tinha o privilégio de ouvir, grato pelas pessoas que conheci, pelos profissionais com quem aprendi e me incentivaram a continuar esse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tinha como propósito a criação de um produto multimidiático, um blog no qual seria abordado a questão das pessoas em situação de refúgio no Brasil e no mundo sob o prisma de especialistas de áreas como migração, crise, relações internacionais, membros de entidades que prestam apoio a esta população e acima de tudo, sob a perspectiva de refugiados que se encontram no país, a fim de coletar informações e depoimentos que contribuíssem para revelar e comprovar o quão duro é a realidade dessas pessoas. Ao passo que tais objetivos foram alcançados, conclui-se que o trabalho foi realizado com êxito.

Ao longo do processo de desenvolvimento foi possível analisar os diferentes aspectos que convergem para que uma pessoa seja forçada a buscar refúgio, seja em outra cidade, estado ou país, como questões relacionadas a fundados temores de perseguição por opinião política, raça, etnia, religião, mas principalmente pela grave e constante violação dos direitos humanos, ocasionada na maioria das vezes por conflitos armados e crises econômicas.

Também se revelou inegável a falta de organização e investimento em diversas linhas de apoio à população refugiada ao observar as condições dos abrigos, o não fomento à educação, a dificuldade de acesso aos serviços de saúde e sobretudo a falta de políticas de integração.

Culturalmente, houve um certo nível de desgarramento por parte da sociedade frente a problemática do refúgio, tendo em vista a grande repercussão de fatos sobre o tema em diferentes veículos de comunicação, mídias e redes sociais ao longo da década de 2010, tendo crescido, ainda, narrativas anti-migração em diversos países da Europa e América.

Depreende-se portanto que, em certa medida, este trabalho contribui para a sociedade por ser um meio de comunicação que buscou compreender o problema do refúgio e disseminar os conhecimentos obtidos, visto que a incompreensão sobre essas pessoas pode gerar medo e preconceitos, impedindo que os exilados tenham a oportunidade de recomeçarem suas vidas após fugirem da morte. Ainda, conceder espaço para que eles e elas contassem suas histórias fez emergir um sentimento de gratidão, tanto entre os personagens como entre os leitores, que puderam enxergar as pessoas que existem por trás do rótulo de refugiado, revelando ainda mais a importância de abordar o tema.

Observando demais produções acadêmicas que trabalharam o assunto, foi possível chegar a conclusão de que é necessário levar a discussão de uma forma mais contundente para a sociedade, fornecendo, tanto ferramentas que facilitem uma melhor compreensão sobre o problema quanto criando obras que despertem o interesse sobre essa realidade. Dessa forma, considerando o atual cenário, este produto multimidiático continuará produzindo conteúdos de cunho informativo, reflexivo e trazendo refugiados para que contem suas histórias de vida.

REFERÊNCIAS

A CRISE na Síria, explicada. **Estadão**, [S.l.], Abr. 2018, Internacional, p. 1. Online. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,a-crise-na-siria-explicada,70002266915>. Acesso em: 11 mai. 2020.

ANDRADE, José Henrique Fischel. **A Política de Proteção a Refugiados da Organização Das Nações Unidas** - Sua Gênese no Período Pós-Guerra (1946-1952). Tese de Doutorado (Doutorado) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BARBIÉRI, Luiz Felipe. Pedidos de refúgio de venezuelanos ao Brasil crescem 245% em um ano. **G1**, Brasília, Jul. 2019, Política, p. 1. Online. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/25/pedidos-de-refugio-de-venezuelanos-ao-brasil-cresce-245percent-em-um-ano.ghtml>. Acesso em: 9 mar. 2020

BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira (org). **Refúgio no Brasil:** A Proteção aos Refugiados e seu Impacto nas Américas. 1. ed. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010. Online. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Ref%C3%BAgio-no-Brasil_A-prote%C3%A7%C3%A3o-brasileira-aos-refugiados-e-seu-impacto-nas-Am%C3%A9ricas-2010.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BERCITO, Diogo. Europa recebeu 1 milhão de imigrantes da África Subsaariana desde 2010. **Folha de S. Paulo**, [S.l.], Mai. 2019, p. 1. Online. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/03/europa-recebeu-1-milhao-de-imigrantes-da-africa-subsaariana-desde-2010.shtml?origin=folha> Acesso em: 9 mar. 2020.

BRAGANHOLO, Marcela de Paula. **Blog jornalísticos em foco:** Processos de legitimação e oficialização. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

BRASIL torna-se o país com maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos na América Latina. **Acnur Brasil**, [S.l.], Jan. 2020, p. 1. Online. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/01/31/brasil-torna-se-o-pais-com-maior-numero-de-refugiados-venezuelanos-reconhecidos-na-america-latina/#:~:text=Brasil%20torna%2Dse%20o%20pa%C3%ADs%20com%20maior%20n%C3%BAmero%20de,venezuelanos%20reconhecidos%20na%20Am%C3%A9rica%20Latina&text=A%20Ag%C3%AAncia%20da%20ONU%20para,17%20mil%20venezuelanos%20como%20refugiados.>. Acesso em: 13 mai. 2020.

CHARLEAUX, João Paulo. 3 dados sobre venezuelanos no Brasil que contrariam o senso comum. **Nexo**, [S.l.], Mar. 2018, Expresso, p. 1. Online. Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/03/06/3-dados-sobre-venezuelanos-no-Brasil-que-contrariam-o-senso-comum> Acesso em: 13 jul. 2020.

CONFINAMENTO, violência e caos: a realidade dos campos de refugiados na Europa. **Médicos Sem Fronteiras**, [S.l.], Jul. 2018, Atualidades, p. 1. Online. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/confinamento-violencia-e-caos-realidade-dos-campos-de-refugiados-na-europa>. Acesso em: 16 nov. 2020.

CONFLITO da Síria entra em seu nono ano**;** crise humanitária ainda está longe do fim. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conflito-da-siria-entra-em-seu-nono-ano-crise-humanitaria-ainda-esta-longe-do-fim/> Acesso em: 12 maio. 2020.

DEMARTINI, Felipe. Brasil tem 116 milhões de usuários de internet, afirma IBGE. **Canaltech**, [S.l.], Fev. 2018, Internet, p. 1. Online. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/brasil-tem-116-milhoes-de-usuarios-de-internet-afirma-ibge-108612/>. Acesso em: 5 nov. 2020.

DEUTSCHE WELLE. Número de refugiados e migrantes da Venezuela chega a 4 milhões. **Agência Brasil**, Berlim, Jun. 2019, Internacional, p. 1. Online. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-06/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-chega-4-milhoes>. Acesso em: 9 mar. 2020

DÍAZ, Soledad Gallego. Do que fogem os sírios e por que agora?. **El País**, São Paulo, Out. 2015, Internacional, p. 1. Online. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/23/internacional/1445592145_740540.html>. Acesso em: 20 mai. 2020.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

ECO, Umberto. **Migração e intolerância**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ENRICONI, Louise. A história mundial é uma história de migrações. **Politize**, [S.l.], Jun. 2017, História, p. 1. Online. Disponível em: <https://www.politize.com.br/migracoes-historia-mundial/>. Acesso em: 9 mar. 2020

ENTENDA a crise na Venezuela: da reeleição de Maduro à tentativa de tirá-lo do governo. **G1**, [S.l.], Abr. 2019, Mundo, p. 1. Online. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/30/entenda-a-crise-na-venezuela-da-reeleicao-de-maduro-a-tentativa-de-tira-lo-do-governo.ghtml>. Acesso em: 3 jun. 2020.

HÜLSEMANN, Laura. América Latina vive momento de migração intensa; entenda o papel do Brasil. **Humanista**, [S.l.], Out. 2019, Imigração, p. 1. Online. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2019/10/07/america-latina-vive-momento-de-migracao-intensa-entenda-o-papel-do-brasil/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009. Tradução de Susana L. de Alexandria.

LEONEL, Teresa. **O blog como ferramenta jornalística:** o que muda no processo de produção da notícia. Artigo (Pós-Graduação) - Comunicação, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, [2010?].

LONGHI, Raquel; D'ANDRÉA, Carlos (orgs). **Jornalismo convergente:** reflexões, apropriações, experiências. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2012.

MAIS de mil migrantes já morreram atravessando o Mediterrâneo em 2019. **Onu News**, [S.l.], Out. 2019, Migrantes e Refugiados, p. 1. Online. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/10/1689202>. Acesso em: 13 nov. 2020.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Teoria das Mídias Digitais:** Linguagens, Ambientes e Redes. 2. ed, - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOURENZA, Andrés. Foto de criança síria morta em uma praia: símbolo do drama migratório. **El País**, Istambul, Set. 2015, Internacional, p. 1. Online. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/02/internacional/1441203082_093795.html>. Acesso em: 16 nov. 2020.

ONU: situação de índios venezuelanos no Brasil é "trágica". **Veja,** [S.l.], Set. 2019, p. 1. Online. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/onu-situacao-de-indios-venezuelanos-no-brasil-e-tragica> Acesso em: 14 jul. 2020.

PEIXOTO, João. **As Teorias Explicativas das Migrações:** Teorias Micro e Macro-Sociológicas. Working paper - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.

PIEPER, Oliver. Pandemia agrava crise de refugiados venezuelanos no Peru. **DW Brasil**, [S.l.], Jun. 2020, Notícias/Mundo, p. 1. Online. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/pandemia-agrava-crise-de-refugiados-venezuelanos-no-peru/a-53941142>. Acesso em: 10 nov. 2020.

RAMALHO, Sérgio. Virou Rotina Agredir e Assassinar Venezuelanos em Roraima. **The Intercept Brasil**, [S.l.], Nov. 2019, p. 1. Online. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/11/28/violencia-xenofobia-venezuelanos-roraima/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

RELATÓRIO do ACNUR mostra que travessias no Mediterrâneo matam mais do que nunca. **Acnur Brasil**. [S.l.], Set. 2018, p. 1. Online. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2018/09/03/relatorio-do-acnur-mostra-que-travessias-no-mediterraneo-matam-mais-do-que-nunca/>. Acesso em: 15 mai. 2020.

REUTERS. Entrada de imigrantes na União Europeia diminuiu, mas é preciso fortalecer fronteiras, diz agência. **G1**, [S.l.], Fev. 2019, Mundo, p. 1. Online. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/02/20/entrada-de-imigrantes-na-uniao-europeia-diminuiu-mas-e-preciso-fortalecer-fronteiras-diz-agencia.ghtml>. Acesso em: 9 mar. 2020.

RFI. Grécia bloqueou 10 mil migrantes na fronteira e agência europeia declara estado de alerta. **Uol Notícias**, [S.l.], Mar. 2020, Notícias, p. 1. Online. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/03/01/grecia-bloqueou-10-mil-migrantes-na-fronteira-e-agencia-europeia-declara-estado-de-alerta.htm>. Acesso em: 9 mar. 2020.

------ Número de refugiados e migrantes venezuelanos no mundo vai superar em breve o de sírios. **G1**, [S.l.], Out. 2019, Mundo, p. 1. Online. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/10/29/numero-de-refugiados-e-migrantes-venezuelanos-no-mundo-vai-superar-em-breve-o-de-sirios.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2020.

RIBEIRO, Carolina. Conheça as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2018. **Techtudo**, [S.l.], Fev. 2019, Redes Sociais, p. 1. Online. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/02/conheca-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018.ghtml>. Acesso em: 5 nov. 2020.

SANTOS, Paulo Márcio Reis. et al. **Deslocamentos Forçados e os Novos Refugiados:** O Papel do Direito Internacional na Proteção às Vítimas de Conflitos Armados. [S.l.], [2015?].

SEPAC (org). **Mídias Digitais:** Produção de conteúdos para Web. 1. ed. [S.l.]: Paulinas, 2012

WATANABE, Fernanda Harumi Moreira. **Questões Históricas Acerca do Refúgio e Alto Comissariado das Nações Unidas Para Refugiados Como Instrumento Internacional da Concretização de Direitos Diantes dos Desafios Atuais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Integração Latino Americana, Paraná, [2017?].

APÊNDICES

Decupagem de entrevistas

Dia 22 de junho de 2020 - Carolina Silva Pedroso - Bacharel, Mestre e Doutora em Relações Internacionais e professora da Universidade Federal de São Paulo. Entrevista realizada pelo Google Meet.

00’01 - Como a Venezuela chegou onde está hoje?

00’08’’ - Pra explicar a crise na Venezuela hoje, eu parto de um pressuposto que é assim, a crise hoje ela tem muitas dimensões, porque ela não é só uma crise humanitária, ela não é só uma crise, ehh, migratória, não é só econômica, não é só social, não é só política, ela é tudo, ela tem todas essas dimensões. Mas ela é composta por duas dimensões que são mais históricas, culturais, ou seja que tão presentes na Venezuela há muito tempo, e duas questões que eu considero que são mais conjunturais, né? que enfim, dependem de.. de questões mais atuais , né? **-** Então um delas tem a ver com os traumas políticos que existem na Venezuela há muito tempo, e que hoje se tornaram uma ferida aberta no país, e a outra, isso da parte estrutural né? Tão uma parte é política de traumas e a outra dimensão é a parte econômica, é como que se criou toda uma estrutura econômica no país que hoje faz com que eles não tenham condições nem de comprar comida pra alimentar sua população. Isso vai ter como resultado uma crise que também é política, né? Porque hoje os grupos políticos tão tão divididos, tão polarizados que não conseguem dar respostas pra essa crise econômica e a outra dimensão é a crise social e migratória, né? As pessoas tão vivendo numa situação que elas nunca viveram antes na Venezuela. A Venezuela foi um país de classe média por muito tempo e é a primeira vez na história que as pessoas tem que sair do país pra melhorar de vida, né? Normalmente a Venezuela era um país que recebia pessoas, imigrantes da Europa, imigrantes do Oriente Médio, eles tem comunidades bem grandes, assim, de árabes, de israelenses, de portugueses, espanhóis, alemães, colombianos, né? muitos colombianos durante o conflito foram pra Venezuela. Então essa é uma dimensão atual e inédita que essa crise tem. Até o século 19, final do século 19, a Venezuela era como qualquer outro país da América Latina, ou seja, vivia basicamente de vender

banana, cacau, café, né? Eram economias super, ehh.. precárias né? do ponto de vista tecnológico, né? Que é o que a gente chama de subdesenvolvimentismo, eh.. super dependentes do mercado externo, pra comprar esses produtos e pra, eh, importa de onde eles importavam os produtos de mais tecnologia. Tão até o século 19 a Venezuela era igualzinha aos outros países, né? Conhecido pelos Estados Unidos como a República das Bananas, né? Era assim que eles chamavam a gente aqui. E aí o que acontece? No final do século 19 a Venezuela vai descobrir o lago de Maracaibo, eles descobriram ali, um grande, é… uma grande reserva de piche, que é aquele petróleo mais pesado pra fazer asfalto. Tão no finalzinho do século, 1890, década de 90 mesmo, é, eles descobriram esse piche e começaram a produzir asfalto pras cidades americanas, depois disso eles foram escavando, escavando, escavando e viram que tinha petróleo mesmo, petróleo bastante denso, bastante pesado. A partir dessa descoberta do petróleo, a vida do país vai mudar completamente, a estrutura produtiva do país vai mudar, e mesmo a organização social vai ter uma característica muito diferente dos outros países da região, e além do petróleo, o petróleo é o principal, né? Petróleo é o carro chefe, mas além do petróleo a Venezuela descobriu mais aqui pro meio do país, né, que é uma região que a gente chama, que é o.. Delta do Orinoco, que é um rio que corta o país, muita riqueza mineral, então ouro, prata, manganês, tão todos esses minérios mais o petróleo vão gerar um quadro de extrema dependência porque, que que vai acontecer? entre você vender banana, cacau e petróleo, que que é mais vantajoso? no curto prazo, e o que tem menos risco né? Porque você viver de agricultura você ta sujeito as intempéries, pragas, mudança climática, a queda do preço internacional daquele produto. Tão assim, tudo isso envolve um risco muito grande né? Pra quem vive de agricultura. O petróleo não tem risco, depois que você constrói toda a estrutura de exploração do petróleo fica muito barato produzir petróleo, porque ele ta limpo no subsolo, né? É, então esse quadro de, de se tornar uma economia petroleira e mineradora vai fazer com que o país seja extremamente dependente dessa renda, porque o que que ele vai fazer? o estado venezuelano ele sempre foi muito presente na economia, tão isso não é uma característica específica do Chaves e do Maduro, tá? Ele sempre foi assim, desde o século 19. Então o Estado venezuelano vai começar a pegar a renda do petróleo pra comprar todo o resto, tão pra comprar comida, pra comprar carro, pra comprar tudo. Tão isso gera uma extrema dependência. Que no começo do século 20, funciona bem né? Porque cê sabe que o petróleo vai se tornar a principal fonte energética bem

nesse período, né? Tão pra eles vai dar tudo certo. E qual que é o impacto disso? O impacto disso é que a gente vai ter primeiro, a destruição de qualquer indústria que não tivesse ligada diretamente ao petróleo, tão a serviços mais básicos como alimentação, enfim, cê sabe que tem uma indústria muito grande lá que chama Polar, né? Produz cerveja, comida, mas é a principal que tem assim, não tem outras, no Brasil a gente tem um monte de indústria no ramo de alimentação, né? Tão cê vai destruir todas as indústrias, porque fica muito caro você manter manter uma estrutura industrial que não ta ligada ao principal bem do país. E pior do que isso, você vai destruir a agricultura, porque cê vai perder mão de obra, as pessoas vão sair do campo vão pra cidade, você vai perder os fazendeiros, os fazendeiros vão se tornar e banqueiros e construtores ou petroleiros, né? e… E aí você começa a destruir, logo no começo do século 20, aquilo que a gente chama de soberania alimentar de um país, ou seja é a capacidade do país de alimentar sua população. E por que que isso só vai se tornar um problema agora? Porque é só agora que a gente tem um quadro que é super complexo, que faz com que o Estado não tenha capacidade de trocar o que ele fazia antes, a renda do petróleo por comida. Quando o preço do petróleo ta em alta, o país vive um período de grande prosperidade, quando o petróleo cai, o país vive por crises. Tão essa crise que a gente ta tendo agora, ela ta ligada a queda do preço do petróleo, mas também a outras questões, mas assim, em outros momentos em que o preço caiu, a Venezuela também viveu crises, não tão intensas como essa mas isso não é inédito, né? Falta de papel higiênico, falta de comida, isso já aconteceu antes.

06’12’’ - Esse cenário também é resultado de uma questão política?

06’20’’ - Veja, 2014 a gente já tem um ambiente político ruim, em 2015 a gente vai ter a eleição de novo do parlamento. Que que vai acontecer em 2015 no parlamento? A oposição vai ganhar uma super maioria,tão já é um sinal de alerta pro Maduro também, quer dizer, ele não conseguiu a mesma quantidade de votos do Chávez, e ainda por cima ele perdeu a maioria que tinha no parlamento. E aí, é.. antes de mudar, porque 2015 foi a eleição, 2016 eles iam começar, esse novo parlamento ia tomar posse, né? eh… Tão antes de mudar a composição do parlamento o parlamento anterior que ainda era de maioria madurista, né? do lado do Maduro, eles vão promover mudanças no tribunal superior de justiça, o judiciário. Tão eles vão acelerar

a aposentadoria de alguns juízes, vão trocar esses juízes por pessoas ligadas a eles, porque quando a outra assembléia assumisse, da oposição, éh… esse judiciário poderia dizer que tudo o que eles aprovassem era inconstitucional, bloqueava a oposição e isso realmente aconteceu. Então a partir de 2016 a gente tem um embate entre esses novos poderes, entre esses dois poderes, né? entre judiciário e o legislativo. Essa situação só vai piorar, de 2016 pra frente né? Em 2017 a gente tem o ápice dessa crise, se você lembrar foi nesse período que o Chávez, perdão o Maduro, vai ser acusado de auto-golpe, de tentar fechar o congresso, e´… qual que vai ser o argumento da justiça pra fechar o congresso naquele momento? Eles vão dizer que alguns deputados se elegeram com compra de votos, tão eles não deveriam ter tomado posse, então a justiça revogou o mandato deles, a assembléia nacional os manteve no cargo, ou seja, não aceitou a resolução da justiça e a justiça foi lá e fechou a assembléia, por alguns dias, depois voltou, mas isso assim, pegou super mal. Tão pra tentar de alguma forma resolver isso, o Maduro vai convocar uma assembléia nacional constituinte, vai dizer assim “olha, a nossa constituição do chávez é muito boa, mas assim, a gente ta numa situação tão grave que ela precisa ser reformada”. Foi aquilo que te falei né?, Tão vamo convocar uma nova assembléia pra ela poder refazer a constituição, detalhe, eles tão desde 2017 escrevendo uma nova constituição. Tão já faz 3 anos, até agora não conseguiram, entendeu?

09’15’’ - Mas por que que isso foi uma jogada política?

09’20’’ - Porque pela constituição venezuelana você pode reformar a própria constituição com uma assembléia constituinte e essa assembléia uma vez eleita ela vai ter plenos poderes, ou seja ela vai estar acima inclusive do presidente da república. Vai ta acima de todos os poderes enquanto ela tiver vigente. Por que eles não desfazem a assembléia, por isso que não tem constituição nova. Foi uma forma que ele criou de conseguir um outro parlamento a favor dele, acima do outro, né? Enfim, é.. aí a oposição vai fazer um plebiscito não oficial pra tentar bloquear essa assembléia, não dá certo, mas só pra você entender que tem uma reação a isso, né? Em 2018 a crise política vai piorar, né? A situação vai continuar muito ruim, e aí o Maduro vai se reeleger, e aí muita gente questiona “como esse cara consegue se reeleger com o país desse jeito?” e aí vai vir o argumento de que teria havido fraude eleitoral.

11’57’’ - E como esse evento se desenrola?

12’02’’ - No comecinho de 2019 ainda sob esse argumento de que houve fraude eleitoral, o Juan Guaidó vai se auto-proclamar presidente, ele vai falar assim “olha, é… o Maduro não venceu aquela eleição, porque ele não deixou vários opositores participarem, porque ele comprou voto das pessoas pobres, ele, ele pedia voto em troca de cesta básica, então na verdade ele não é presidente, ele é um usurpador, ele pegou a cadeira de presidente da república e depois não saiu mais de lá”. né? E aí a constituição venezuelana diz o seguinte, em cargo de vacância da presidência da república, ou seja se não tiver ninguém na presidência da república, por doença enfim, por alguma coisa muito excepcional, o presidente do parlamento ele pode assumir a cadeira da presidência da república junto com a do parlamento, interinamente, por um mês, e nesse mês ele tem que organizar novas eleições gerais, ou seja, caem todos os poderes e todos são votados novamente. Tão o Guaidó usou essa parte da constituição pra se autoproclamar presidente. “Tão olha, o Maduro roubou o poder, ele não é o presidente, ou seja, a presidência da república está vaga, por isso eu, que fui eleito presidente da, do parlamento, ‘esse é o parlamento da oposição, tá? não é aquela constituinte’ Eu que fui eleito presidente do parlamento posso assumir os dois poderes”. Qual que é o problema disso? O problema é que ele não convocou novas eleições, ele ta como interino desde 2019, ou seja, é como se a Venezuela tivesse dois presidentes ilegais, um que fraudou a eleição e o outro que diz que é presidente, mas até agora não convocou novas eleições, deveria ta lá interinamente, ele nem é mais o presidente do parlamento. Tão assim, são dois presidentes que não valem meio, né? Então essa autoproclamação vai gerar muitos protestos a favor e contra, e vai gerar uma onde de repressão, mais um trauma, porque agora a Venezuela tem dois presidentes, isso é um trauma, uma coisa inédita, na política deles, né? Tão, paralelamente a todo esse cenário político que eu to te contando, que que foi acontecendo com a economia? A gente teve a queda do preço do petróleo. Tão pra você ter uma ideia, é… O petróleo é tão importante pro estado, que todo o orçamento público da Venezuela ele é feito com base na projeção do preço do petróleo. Então eles mais ou menos observam o movimento do preço do barril e projetam pro ano seguinte o orçamento. Tão pra você ter uma ideia, em 2014 a média do ano foi de $115 dólares o barril do petróleo, tão o que se esperava pra 2015 era que mais ou

menos se mantivesse, porque de fato não havia nenhum cenário, nenhum sinal, é.. no mercado internacional de que esse preço ia oscilar muito, só que ele caiu pela metade, ele caiu pra $50, depois em 2016 ele caiu pra $31, aí 2017 ele recuperou $60. E aí depois 2018 e 2019 ele aumentou um pouquinho mas ainda continua variando pra bem menos do que se esperava. O problema é que assim, só esse rombo que deu entre 2014 e 2016 o país não se recuperou desse primeiro rombo, mesmo com a recuperação do preço depois, ele ainda não se recuperou, porque tudo é gasto estatal, toda a parte de investimento de saúde, de educação, de bem-estar, de habitação, tudo ta na mão do estado. isso sempre esteve na mão do estado, o problema é que durante o governo do Chavez, justamente porque os empresários se tornaram oposição a ele, ele usou as ferramentas políticas pra prejudicar os empresários também que deram golpe nele. Tão ele vai criar uma série de políticas que vai tornar o ambiente é.. pro setor privado, muito ruim pra Venezuela, tão hoje, o estado não tem escapatória, ele não tem por exemplo, empresas importadoras de alime, muitas empresas importadoras de alimentos, que não estão ligadas ao estado, então é basicamente só o governo que faz as compras de alimentos, as compras de, de combustível, como eu falei pra você eles não refinam lá dentro. Então é um drama gigantesco eles tem uma grande dificuldade de importar, e como resultado principal a gente tem uma flutuação galopante, a gente tem desemprego e a gente tem um câmbio que é uma coisa absurda.

16’56’’ - Qual tem sido o destino desse fluxo de imigrantes?

17’02’’ A Venezuela por muito tempo recebeu colombianos, inclusive foi o país que mais recebeu colombianos, ehh, durante esse período civil que eles têm lá né, esse conflito civil que eles têm com os narcotraficantes, com as guerrilhas, com os paramilitares, enfim. Daria uma outra aula né? Falar da Colômbia. Mas enfim. A Venezuela recebeu mais de 1 milhão de colombianos, e esses colombianos quando iam pra Venezuela, eles eram chamados de venecos, ou seja, venezuelano com colombiano, veneco. E aí muitas dessas pessoas estabeleceram família, estabeleceram negócios e foram ficando na Venezuela, que era um país mais tranquilo até então. Quando começa a crise, principalmente a partir de 2014, muitas dessas pessoas tem cidadania colombiana, então o que que elas fazem? Elas retornam pra Colômbia. Tá? Então, ehh.. a gente entende, né, até por conta da

questão da proximidade geográfica. Essa fronteira norte, aqui, da Venezuela com a Colômbia, é uma fronteira muito viva, são cidades gêmeas praticamente né? Tem, sempre tiveram fluxo muito grande de pessoas já da fronteira mais ao sul, e a fronteira com o Brasil, é uma fronteira mais complicada, porque aqui a gente ta falando da floresta amazônica, né? Tão não têm grandes cidades, não tem muita população concentrada, então tem menos gente, né? Por isso que o Brasil também não é o principal destino deles, porque é muito difícil de chegar no Brasil, né? ehh, então a gente entende também né, de muitos venezuelanos indo pra Colômbia porque muitas tão retornando, na verdade, pro seu país de origem, ou, ou porque eles têm algum tipo de apoio lá, tão tem avô, tem tio, tem parente, né? tão eles acabam indo pra colômbia por conta da proximidade, da facilidade de travessia e porque eles vão ter algum tipo de apoio familiar**.** Tão Colômbia é o principal, depois a gente tem o Peru, Peru é um país que recebeu muitos venezuelanos, e que é um país que tem muitos casos de xenofobia contra os venezuelanos, eles tem sofrido bastante lá no peru, no Equador. Também no Equador inclusive teve um crime que aconteceu, acho que foi um estupro de uma, de uma jovem, que foi (inaudível) venezuelano, e aí, vários venezuelanos passaram a ser atacados na rua, assim sabe, então paulada, com pedra, um negócio beem, beem, enfim… ehhh violento, né? o Chile, a Argentina é um país que, vejam, a Argentina já tá um pouco mais distante né? da Venezuela, então normalmente quem vem eh, pro Chile, pra Argentina e pro Brasil, são pessoas que tem um pouco mais de condição econômica, que viajam por via aérea muitos tão fazendo a travessia a pé né, atravessam metade do país a pé pra chegar em Pacaraima, né, que é a cidade, a primeira cidade do Brasil, depois da Venezuela. Mas os que vem pra cá, mais pro finzinho do cone sul, tem condições um pouquinho melhores, e a Argentina é um país que tem uma política bem, Friendly, né? bem amigável pra imigrantes, se você ficar por exemplo 90 dias na Argentina cê pode pedir sua cidadania. E é difícil que eles recusem, a Argentina é um bom lugar.-A Espanha também é um local que muitos venezuelanos com mais dinheiro acabam indo, ehh o México também, vejam, o méxico tem menos né? porque muitos dos venezuelanos que vão pro méxico vão com intuito de chegarem nos Estados Unidos.

21’08’’ - E sobre a fronteira com o Brasil?

21’15’’ - Antes de 2015 o fluxo que se via nessa fronteira era o oposto, era de brasileiros indo pra venezuela comprar e depois voltavam. Por que? Como eu te falei, o Estado é o grande provedor de alimentos na Venezuela, né? E principalmente a partir da crise, umas das formas de facilitar né as pessoas a comprar alimentos, foi criar subsídios, pro preço de alimento. Tão assim, vamos supor que um pacote de arroz de 2kg custasse 10 bolívares, o preço oficial dele era 10 bolívares, o custo dele, 10 bolívares, quando chegava no mercado, a pessoa pagava 5 bolívares, porque os outros 5 o governo subsídiava. Tão que acontecia, como eu te falei a Venezuela não produz alimento, é tudo alimento de fora, boa parte dos alimentos que eles consumiam, agora menos, mas boa parte era alimento do Brasil. Então você imagina que você mora em Santa Helena, que é a cidade do lado de Pacaraima, 30 km de distância, e você pode viajar por 30 km, abastecer seu carro com gasolina venezuelana que é muito mais barata, e comprar carne da friboi, isso é real tá? - Carne da Friboi, por duas, três vezes menos o preço que você compraria aqui. Tão sabe o que que acontecia muito, agora menos, mas acontecia muito. No Brasil e na Colômbia, você tinha uma série de pessoas que viviam do contrabando, elas iam pra Venezuela enchiam o carro, enchiam a kombi, enchiam um caminhão de produtos alimentícios e revendiam muito mais caro no seu país de origem. E muitas vezes quem compravam esses produtos eram os venezuelanos que não conseguiam comprar. Até 2015 o fluxo era esse, as pessoas saíam do Brasil e iam fazer compra na Venezuela, e como a Venezuela importava tudo, você encontrava com certa facilidade, vários produtos importados, vinho, chocolate, tipo o Paraguai sabe? aquela galera que vai comprar no Paraguai? era a Venezuela pra eles. Agora virou ao contrário, começou a faltar lá os venezuelanos começaram a vir pro Brasil. E muitos acabaram vindo pra ficar. Tão aqui pra você ver ó. Até 2015 a quantidade de venezuelanos que entraram no Brasil era mil, 2018 já foi pra 30 mil, já teve um salto. A crise migratória ela começa antes, mas você, como eu tava te falando, o Brasil não é o destino favorito das pessoas, se elas podem planejar a migração delas, nem sempre elas podem, mas se elas podem o Brasil não é o primeiro, a primeira opção. Tão aqueles que começaram a vir, começaram a vir porque não tinham mais opção mesmo, né? O Brasil teve, teve que ser, teve que ser, teve que vir pra cá.

24’30’’ - O que é ser refugiado no Brasil?

24’40’’ - No Brasil, a noção do que é refugiado é muito mais ampla do que eh.. costuma ser em outros lugares, o nosso direito é muito mais, benevolente, digamos assim, com os refugiados. Porque no o Brasil é considerado refugiado todo mundo que entra naquela classificação do direito internacional, ou seja, que é perseguido pela sua opção política, sexual, religiosa, etnia e, além disso, a gente considera que qualquer pessoas vinda de um país em que há uma violação sistemática dos direitos humanos ela também pode ser considerada como refugiada, e aí a gente pode entender que a Venezuela passa por essa situação, não porque necessariamente aquele indivíduo foi perseguido, mas porque ele vem de uma situação em que ele potencialmente pode ser perseguido ou porque ele está vivendo as consequências da violação dos direitos humanos básicos, como por exemplo alimentação, ou seja, não é uma violação direcionada a ele, mas ele é atingido por essa violação, que é mais geral. Só o que é que acontece, como tem cada vez mais casos de pessoas pedindo o status, de, de refúgio, primeiro que o processo de refúgio no Brasil ele é amplo, ou seja a legislação permite vários, só que na hora de processar ele é muito lento, porque tem pouquíssimas pessoas destinadas a cuidar desses processos de refúgio. Tão ele vai contar a história dele pro policial, explicar porque que ele é um refugiado. É… E eu lembro, é, eu fiz muitas tradu, a maioria, eu tinha me inscrito pra ser tradutora de inglês, porque na época meu francês tava meio enferrujado, é… só que teve alguns dias que o tradutor de francês não pôde ir, então como eu tava lá eu dei uma força, mas assim, fui meio insegura mas deu certo no final. E as histórias que eu ouvia, eram coisas assim, muito, muito, muito absurdas, tipo, por exemplo, eu fiz muitas traduções de nigerianos, os nigerianos contavam assim, olha, eu tinha saído, eu tava trabalhando, e quando eu voltei pra minha casa, minha casa tinha sido explodida, por um ataque do Boko Haram, todo mundo tava morto lá dentro, e eu sabia que eu não tinha, eu não tinha como voltar, pra lá, porque minha casa tava destruída, e eu sabia que eu ia ser a próxima vítima. Muitos casos do Haiti também, que aí era o francês né? E aí eles contavam como que, uma mulher, eram poucas mulheres, a maioria são homens, mas teve uma mulher que contava “pra eu alimentar meu filhos eu tinha que fazer uma bolachinha de barro, porque eu não tinha da onde tirar comida, não tinha mercado, não tinha nada”. E por que que eu acho que o caso da Venezuela ele é grave mas não se compara, porque você não tem esse tipo de situação, de ataques terroristas, é.. você não tem, você tem sim uma subnutrição da população mas não chega a esse ponto, é… porque o governo tem dado cestas básicas que muitas vezes

são insuficientes, mas as pessoas não chegam a recorrer a barro, né? No Haiti você não tem mercado que funcione, muitas vezes você consegue acesso a alimentos na Venezuela pagando propina pros militares. Entende como são níveis de gravidade diferentes? Então muitos venezuelanos quando chegam no Brasil eles sabem dessas dificuldades de provar que eles são refugiados, principalmente pro policial federal que muitas vezes não conhece a própria legislação, essa é a verdade, porque como eu tava lá como tradutora eu pude ver que a maioria deles nunca trabalhou com esse tema, são pessoas burocráticas, tratavam de temas mais internos, então eles não sabem muito de política internacional, não sabem muito o que acontece fora do Brasil. Então o que eu tenho percebido com os venezuelanos, isso assim, eu não tenho dados, isso é só uma percepção minha, tá? O que eu sinto é que as vezes eles não chegam, não sei se necessariamente a inventar, mas que eles aumentam um pouco a sua própria história de vida pra justificar o refúgio, porque no refúgio eles têm uma proteção maior do Estado brasileiro, eles não podem ser deportados, eles precisam ter o mínimo de garantia de que eles vão conseguir trabalho, né? Você sendo um imigrante econômico, você é muito mais vulnerável, então eu percebo isso, os venezuelanos eles tentam ter essa, é.. por exemplo, “ah que eu era professora de geografia e eu era perseguida porque eu ensinava tal coisa”. Não que não haja, existem esses casos, mas a maioria das pessoas que saem de lá não é por perseguição política, por condição econômica mesmo.

30’17’’ - Qual região mais tem refugiados hoje?

30’25’’ - A maior concentração deles tá em Roraima, né? Que é o Estado que tem mais recebido, e hoje eles representam 8% do total da população de Boa Vista que é a capital, porque eles entram por Pacaraima, mas Pacaraima é uma cidade minúscula, então eles fazem a entrada oficial lá, né? no Brasil, e depois eles são encaminhados pra Boa vista, que tem uma estrutura um pouquinho melhor, não é excelente, mas é um pouquinho melhor. E o que a gente tem percebido desde então, a gente, em 2018 teve eleição, né? Pra governo, tanto pra presidente quanto governadores, é.. mas não teve uma mudança em relação a isso. Os governos, de 2018 e de depois, governos locais então as prefeituras e os governos de estado são muitos hostis pra essa população então eles não tratam essas pessoas com amabilidade, e isso também reforça aquilo que eu te falei, dos venezuelanos reforçarem uma narrativa de

perseguição, porque também é uma forma deles se protegerem desse, dessa hostilidade, que eles vivem aqui no Brasil quando eles chegam. Tão a gente tem por exemplo, é.. o governador que foi eleito no.. em Roraima, é um governador do PSL, que era o partido do Bolsonaro antes dele sair, e ele foi eleito com uma pauta extremamente xenófoba, de tentar se livrar dos venezuelanos. Tanto que não sei se você lembra, no começo do governo ele chegou a solicitar o fechamento da fronteira, pra não deixar os venezuelanos entrarem em Roraima, que é inconstitucional, tanto que o STF barrou, então pra você entender que isso não é só ele, ele representa um grupo político, e que ta muito presente nessas regiões que recebem imigrantes. Antes dessa onda de entrada de venezuelanos, uma outra população que a gente recebeu bastante no Brasil pela região norte, foram os haitianos. Eu não sei se você lembra, os haitianos eles vinham, eles vinham descendo, entravam pela América Central, vinham descendo eles entravam no Brasil pelo Acre. E também, veja só né, o norte do Brasil a gente já sabe que é uma região mais vulnerável e mais pobre do país, então eles já vivem numa situação difícil, e aí você tem uma série de imigrantes também, numa situação econômica vulnerável chegando, isso gera um desconforto, porque isso expõe ainda mais as debilidades dos serviços públicos lá. E qual que é o problema disso, é que as pessoas que tão lá, a população não sabe diferenciar uma coisa da outra, ela acha que a causa do serviços públicos de lá serem ruins é do imigrante, e não que eles já eram ruins antes. Então é óbvio que os governos vão reagir de maneira ruim a essa população. Tão os governos locais fazem muito pouco pra ajudar os venezuelanos, por isso que a gente tem cada vez mais ongs e organizações humanitárias indo pra lá, porque o governo não ta dando conta de acolher essa população, né? Já o governo federal, então isso desde a época do Temer, né? Até porque o aumento desse fluxo não foi nem com a Dilma, foi com o Temer, né? Foi ainda no período de afastamento dela, né? Então o governo federal ele trata essa questão da imigração venezuela como problema de segurança, por isso que eu falei aqui, securitizadora, esse é um termo que a gente usa em R.I, tem toda uma teoria sobre isso, mas assim, simplificando, é quando você transforma um tema que é por exemplo de saúde ou educação, você transforma isso numa coisa de segurança, ou seja você transforma, é.. um elemento que não tem, que não necessariamente é uma ameaça, em uma ameaça. E quem ta na linha de frente da, do governo federal pra receber esses venezuelanos é o exército, então você usa o exér.. o exército serve pra que? Qual que é a função social do exército? É proteger a

fronteira, é evitar crimes transnacionais, né? um crime que começa no Brasil e termina na Bolívia por exemplo, ou seja, pra tratar de questões de segurança. Você desloca toa uma, uma burocracia brasileira que cuida de segurança pra cuidar de imigrante, tão que que cê tá dizendo com isso? que o imigrante é uma ameaça, um problema, um crime, ele é ilegal, mesmo que ele não seja. E uma das, das atitudes do governo federal é assim, uma das características é, ele espera acontecer um problema pra reagir. Já se sabia que ia aumentar o fluxo de venezuelanos no Brasil, pjá se esperava que isso ai acontecer, os outros países já estavam recebendo, uma hora eles iam começar a vir pra cá. O governo não fez nada pra se planejar, ele não agiu preventivamente, ele esperou acontecer pra, pra tomar uma atitude. Muitas vezes ele esperou acontecer ataques xenofóbicos contra essa população pra buscar soluções.

37’48’’ - Como eles são ajudados?

37’55’’ - Então a principal ajuda vem das ONGs, vem da Federal de Roraima que faz um trabalho bem legal lá de acolhida, vem da igreja católica, como te falei a Cáritas é uma entidade da igreja católica, e vem da ACNUR, que é aquela agência da ONU que cuida de refugiados. Essas fotos elas revelam algumas situações. Eu não me lembro do nome da moça, mas eu me lembro que ela era formada em Direito. Então ela exercia advocacia na Venezuela e quando ela vem pro Brasil, ela não consegue se colocar profissionalmente dentro da área dela né, até porque cê sabe que Direito é uma profissão difícil porque você estuda normalmente o direito do seu país. Quando você muda de país, não é fácil você fazer essa transição e ela conseguiu colocação como caixa de mercado e ela tava muito feliz por isso, porque muitos dos conterrâneos dela não conseguiram nem emprego. Fazer de uma pessoa altamente qualificada, exercendo uma função menos qualificada. Se a nossa, é, se os nossos governos tivessem se organizado para receber essa população, esses venezuelanos que muitas vezes tem um bom grau de instrução poderiam ser alocados em funções que têm mais a ver com a formação deles. E ficaria bem pra nós também, seria um artigo positivo para a sociedade brasileira. Médicos, por exemplo, tem muitos médicos venezuelanos chegando, muitos deles não conseguem exercer a profissão. A gente tem uma deficiência de médicos no Brasil, porque não aproveitá-los? Muitos professores vem vindo da Venezuela pra cá, porque não aproveitar esses professores

pra ensinar espanhol pros brasileiros que muitas vezes só sabem falar português. Então tudo isso é falta de planejamento tá, que é prejudicial para eles e prejudicial para nós enquanto sociedade, né. A gente tem, essa outra foto aqui, ela demonstra uma situação que é uma situação específica dos índios guaral, acho que eu comentei com você né, os indígenas venezuelanos que moram ali na região amazônica, eles são indígenas que, é, tem, até por conta cultural, enfim das tradições, eles não fazem uma imigração individual, então por exemplo, ah uma família dos indígenas vem pro Brasil. Não é a tribo inteira que vem. E a tribo inteira não aceita ser dividida em albergues, em espaços diferentes. Então muitas vezes, como os governos brasileiros não entendem essa questão cultural, eles ficam largados em lugares extremamente improvisados como esse aqui, pra tentar preservar essa tradição grupal que eles têm, né. Essa outra foto aqui, é de um bairro que chama, é, eu não lembro o nome do bairro, nome oficial, mas o apelido do bairro lá em Boa Vista é ochenta, é ochenta porque é o valor que elas cobram pra fazer programa. E sempre foi um bairro de prostituição lá em Boa Vista, só que era uma prostituição que socialmente era aceita porque ela acontecia a noite, com brasileiros. Só que as muitas venezuelanas vem numa situação de tão grande vulnerabilidade e assim, é, essas populações que migram por questões econômicas, enfim, em geral a gente tem uma gradação de vulnerabilidade, né. O menos vulnerável é o homem branco que, na verdade é muito parecida com a estrutura social nossa aqui, né, então é o homem branco, depois vem a mulher branca, depois o homem negro ou indígena, depois a mulher negra ou indígena, depois as crianças e os idosos. Então muitas dessas mulheres que tem essa origem étnica mais mestiça venezuelanas, elas estão praticamente na base dessa pirâmide, então muitas delas tem que recorrer a prostituição. E como elas precisam alimentar as famílias, elas fazem prostituição de dia. Isso é uma coisa que incomoda muito a população de Boa Vista, né. E aqui é uma imagem também que mostra uma parte de venezuelanos, sendo abrigados em uma, num espaço, numa quadra de escola. Então as prefeituras que não tem, enfim, no Norte do Brasil, que não estrutura pra receber imigrantes, eles estão alocando essas pessoas nesses espaços que eles têm. Então no pátio da escola, ou eles pegam emprestado, por exemplo, o salão de uma igreja, e aí, é, pelo o'que eu tinha entendido, né, desse primeiro momento né, quando os venezuelanos começaram a chegar, o governo do estado, ele ficava responsável por conseguir esses espaços, então a maioria dessas escolas são escolas estaduais, ou convênios com as igrejas, e quem tinha responsabilidade de

dar as alimentações básicas, né, as refeições básicas do dia, café da manhã, almoço e jantar, eram as prefeituras, então meio que teve um convênio aí entre o estado e as prefeituras, em Roraima sobre isso.

43’54’’ - Quais são os desafios dos venezuelanos no Brasil?

43’59’’ - É a questão da xenofobia, né, teve alguns ataques em Boa Vista de, é, alguns quartos que eram alugados em um prédio pra venezuelanos que foram incendiados por brasileiros, a gente teve alguns casos de brasileiros que doaram marmitas envenenadas pra venezuelanos, coisa absurdas, coisas absurdas, né. É, e que tem acontecido. A gente tem situações de tráfico humano, como te falei essa fronteira norte do Brasil com Venezuela não é uma fronteira simples de você atravessar, não tem grandes cidades ao redor, né, com grande população. Então muitas vezes essas pessoas pra sair da Venezuela pra chegar, elas precisam recorrer a atravessadores, que a gente chamaria lá no México de coiotes né, aquelas pessoas que te ajudam a atravessar e você tem que pagar alguma coisa pra conseguir, é, é, fazer a travessia e muitas vezes essas pessoas são vulneráveis a assédio sexual, a outros tipos de assédio financeiro, né, então não é uma situação simples. Muitas vezes eles tem que se colocar em posição de, de alta exploração de seu trabalho, então pra eles conseguirem alguma renda, eles acabam aceitando condições de trabalho que brasileiros não aceitam, porque são protegidos pela legislação e eles não são, né. Então no Brasil a gente tem uma carga horária máxima de trabalho que a gente pode ter por dia, só que se o cara tá ilegal, se ele entrou aqui, tá precisando de qualquer dinheiro, ele trabalha vinte horas se precisar. Então muitos deles são explorados. Isso não é, esse caso específico, né, da exploração da mão de obra, ela não é, é, exclusiva dos venezuelanos. Isso acontece com bolivianos aqui em São Paulo, é, isso acontece com os haitianos no sul do Brasil, isso acontece com várias populações imigrantes no mundo. Isso acontece com eles também. Como eu te falei a gente tem populações mais vulneráveis né, a população indígena, as mulheres e crianças, né, que acabam sendo mais susceptíveis a assédio, enfim, a exploração, a gente tem um custo social pra manter essas pessoas porque elas realmente chegam muito vulneráveis, sem nenhuma condição de se manter, então isso, isso acarreta um custo, normalmente um custo do estado ou de doações, é e aí o que a gente percebe que não existe ainda, o grande desafio aqui no Brasil, é a gente conseguir integrar essas políticas públicas,

de saúde, de educação, a parte diplomática, que é um fiasco, né. Desde que o Bolsonaro assumiu, o Brasil praticamente não tem relação diplomática com a Venezuela. E relações diplomáticas não significa que você tem que concordar com o que acontece no outro país, mas significa que você tem que ter um canal aberto pra resolver problemas em comum, né. E aí vou abrir outro parênteses aqui, pra te contar da outra experiência que eu tive como professora de português. É, numa outra ONG aqui em São Paulo. É, a gente tinha uma turma de mais ou menos 90 alunos, era eu e mais duas professoras, a gente se revezava. Era sábado, três horas de um sábado, então era das duas às cinco da tarde, a gente ficava com eles, e a gente se dividia em duas turmas, era uma turma que falava francês, então era muita gente do Haiti, de Camarões, é, e tinha até uma pessoa, da onde que é, da Bélgica? Tinha de tudo assim, pra você ter uma ideia, era desde pessoas que eram solicitantes de refúgio, refugiadas e imigrantes econômicos e imigrantes ricos, então assim, tinha de tudo na mesma sala, era lindo de ver. E a sala que eu costumava dar aula era a sala de pessoas que falavam inglês e espanhol, porque era importante que o professor soubesse um pouco desses idiomas pra explicar o português pra eles, né. É, e eu lembro que na minha sala, tinha muitos bolivianos, muitos peruanos, é, tinha gente do Oriente Médio também, que às vezes ficava na minha sala, às vezes na sala do francês, eles revezavam e dos venezuelanos que tinha, eram poucos na época isso foi 2015, um dos venezuelanos que tinha, é, ele tava fazendo doutorado no Brasil, ou seja uma pessoa altamente qualificada e que tava trabalhando, se eu não tô enganada, como motorista de uber, naquela época, imagina agora, que a situação tá bem pior.

Dia 14 de julho de 2020. Laura Donadelli. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais pela Santiago Dantas. Entrevista realizada por meio de gravação de vídeo do Google Meet.

00’03’’ - Bom, pra começar, me fala seu nome completo e o que você tá fazendo atualmente, por favor.

00’13’’ - Meu nome é Laura Donadelli. Eu sou estudante de pós-graduação, to fazendo doutorado, to no quarto ano do doutorado lá no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, que se chama Santiago Dantas.

01’01’’ - Como que você foi parar no Cáritas?

01’05’’ - A minha ida pra lá foi num momento entre o meu mestrado e o meu doutorado. Eu estava desempregada, eu tinha feito graduação em Relações Internacionais, Mestrado e eu nunca tinha trabalhado na área. Em R.I a gente tem muito dessa coisa de ter que ir para o exterior, pra conhecer as culturas lá fora, fazer intercâmbio, enfim. Estar em São Paulo me fez olhar pra realidade de que existe um internacional dentro da cidade. Aí eu falei “poxa, eu vou procurar o internacional dentro daqui da cidade mesmo, né?! vou ver se consigo usar todos os meus anos de estudo de alguma maneira.” E também queria algo que fosse me ajudar tanto profissionalmente quanto internamente.

02’29’’ - Por quanto tempo que você ficou lá?

02’30’’ - Eu fiquei na Cáritas durante dois anos e meio. Na maior parte do tempo como voluntária, e depois no final, teve um período que eles me ofereceram pra me ajudar com transporte, alimentação, pra poder continuar o trabalho.

03’01’’ - E o que você fazia lá?

03’05’’ - Na Cáritas eu trabalhava como assistente de acolhida, então eu fazia a primeira triagem, dos refugiados e dos solicitantes de refúgio que chegavam lá na Cáritas para serem atendidos. Fazia o cadastro, pegava dados pessoais, tentava identificar algum vulnerabilidade, como pessoas que precisavam de atendimento médico, psicológico, se passaram por algum tipo de violência, abuso, e assim encaminhá-los para outros serviços da Cáritas. Então era um trabalho de fazer esse filtro das pessoas.

04’07’’ - Com base no que você já viveu e tá vivendo agora, e dando uma olhada no cenário do Brasil, você acha estamos conseguindo dar conta desse pessoal que chega ou ainda faltam algumas coisas que precisam melhorar?

04’15’’ - É… o Brasil, em tese, é um País acolhedor, porque ele permite que essas pessoas entrem, mesmo sem ter um visto, então um extrangeiro consegue entrar no Brasil e pedir refúgio, e enquanto o processo dele é analisado ele consegue ficar aqui,

consegue trabalhar, estudar, ter acesso ao sistema de saúde, então, em tese, o Brasil é um país acolhedor, porque em outros países você simplesmente não pode entrar. Mas é óbvio que existem muitas dificuldades aqui que dificultam a vida dessas pessoas. Por exemplo, de nada adianta você permitir que essa pessoa fique se ela tem dificuldade de validar um diploma. Nós chegamos a atender uma pessoa com nível de doutorado que tava tendo dificuldade pra arranjar um emprego que não tem a ver com aquela área de trabalho dela, mais simples, pra desempenhar uma função mais prática, digamos assim. Essa é uma dificuldade gerada porque você permite que a pessoa fique por um tempo, mas você não fornece ferramentas pra que ela consiga ficar com dignidade, e inclusive, assim, pra recolher o imposto dessa pessoa, pra essa pessoa se estabelecer, pra trabalhar, movimentar a economia, pra aproveitar o que essa pessoa tem a trazer para o país, né?!

Também falta as universidades facilitarem a validação desses diplomas, os conselhos nacionais facilitarem a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho. Na minha opinião, o Brasil é um país acolhedor, em tese, porque as pessoas tem muita dificuldade em se estabelecer de uma maneira digna. É uma uma coisa que a gente daria conta se tivesse uma vontade política maior, uma instrução melhor da população pra que ela entenda que os refugiados não vieram aqui pra roubarem seus empregos. Se houvesse uma ação humanitária coordenada, eu acho que a gente poderia atender essas pessoas de uma forma melhor.

07’22’’ - Seria mais uma integração realmente efetiva…

07’26’’ - Sim, integrar de uma maneira digna, de uma maneira que permita que essas pessoas andem com sua próprias pernas, né?! e não é só uma questão assistencialista, mas também de observar o que essas pessoas podem trazer de contribuição para o país.

Dia 27 de julho de 2020 - Tamar Chalian, refugiada síria de 28 anos, desempregada. Entrevista realizada pelo Google Meet.

00’01’’ - Bom, pra começar, fala por favor seu nome, sua idade e de onde você veio.

00’06’’ - Meu nome é Tamar Chalian, tenho 27 anos. Eu sou da Síria.

00’11’’ - Faz quanto tempo que você tá no Brasil?

00’13’’ - Seis anos.

00’14’’ - O que que te motivou, o que te fez vir pra cá?

00’17’’ - É… a guerra, né?! e… assim, a gente saiu da Síria e eu tenho primos aqui, na verdade, meus pais que têm primos aqui, então a gente veio pra cá, né?! e também a gente não conseguiu ir pra outro lugar. Então…

00’38’’ - Conta pra mim, como que era a sua vida por lá, o que você fazia no dia a dia? antes de tudo começar.

00’47’’ - Eu fazia faculdade. Turismo. Fazia faculdade, mas não trabalhava, então, só estudava mesmo. **00’55’’ - E seus pais?** Meus… ah, minha mãe não trabalhava, tava dona de casa, e meu pai tinha o negócio dele. Ele, electricista. É isso?! Eu acho. Ta certo?! **Uhum.** (Risos).

01’02’’ - O que você tem de informação de como tão as coisas lá na Síria?

01’05’’ - Na verdade, eu não tenho muito, assim… porque eu, eu falo para todo mundo, as pessoas perguntam e eu falo que eu, eu quero, eu tento ficar mais longe possível das informação, porque assim, me dá um desânimo que, que, não sei, assim, não me faz bem entendeu?! Assim, tipo, pegar, eu sei que tá mais tranquilo agora, tem algumas coisas, mas, assim, não tem um região que é mais segura, porque agora, as vezes outro região tá em conflito e a sua região, a sua cidade tá bem, aí depois volta, então, tipo, sempre é assim, entendeu?! Eu sei que Alepo tá agora tá tranquilo assim, mas eu sei que tem outros regiões que aconteceram algumas coisas. Mas

assim, informação de tudo eu não fico sabendo porque me faz muito mal, assim, de tudo entendeu?! Eu não consigo seguir pra frente aqui se eu fico assim, ouvindo, entendeu?! as notícias, essas coisas, porque eu já passei por muita depressão, caí por causa das notícias, aí eu tirei tudo.

01’48’’ - Sente falta de alguma coisa lá?

01’51’’ - Tudo (risos). Não, na verdade eu sinto de tudo, né?! só que agora não tem, entendeu?! eu sinto falta do que não existe, porque, tipo, meus amigos todo mundo saiu, e a casa quase, a nossa casa quase destruiu, então, então não tem nada lá pra… se eu falo que eu quero voltar, eu sinto, eu sinto muita falta, mas o que já existia agora não tem mais. Então, não adianta.

02’17’’ - E vocês estão em São Paulo?

02’20’’ - Sim, São Paulo.

02’22’’ - É… quando vocês chegaram, vocês passaram por algum tipo de dificuldade de se estabelecer, o idioma… alguém já falava português?

02’32’’ - Não, a gente não falava. Nem eu nem meus pais. E.. tudo é difícil né, no começo é bem difícil, assim, a língua, e a gente ficou quatro meses na casa dos meus primos que, que também não é fácil, assim, de conviver, a gente agradece, mas não é fácil conviver com outras pessoas. E a língua, cultura, tudo, tem que adaptar tudo, é tudo novo, entendeu?! Tá muito diferente da Síria, então é a fase da adaptação, acho primeiro dois anos, três, foi bem puxado. E a cultura, até achar emprego, então eu acho que quase tudo (risos).

03’33’’ - Você já conseguiu arrumar emprego?

03’35’’ - Na verdade eu quis sair mesmo, eu trabalhei cinco anos numa empresa que são de meus conhecidos, assim, eu trabalhei, porque quando eu cheguei, não consegui emprego porque não sabia português mesmo, entendeu?! e turismo, eu tentei muito, mas eles falavam que tem que falar português, aí porque são conhecidos

eles me aceitaram, e aí eu trabalhei quase cinco anos e meio, recentemente saí mesmo, eu quis sair.

04’18’’ - Fora essas dificuldades vocês já passaram por alguma situação de preconceito, das pessoas estranharem vocês na rua?

04’26’’ - Na rua não, assim, mas tipo, acho que preconceito, quando acontece é mais no trabalho. Eu acho sim. Eu já passei muita dificuldade com as pessoas do trabalho, entendeu?! aí eles não queriam, tipo quando eu entrei ele não me aceitaram assim tão rápido, aí ele não me ensinavam, entendeu?! ele sempre, assim, tipo, sempre me deixavam assim, meio… **Afastada?.** afastada, no começo, assim… algumas pessoas, não é todo mundo, tem gente, igual todo lugar, tem gente que é.. são bons, tem gente que faz mais, assim… dificuldades. Eu acho, eu queria muito aprender mais rápido, eles não deixavam, entendeu?! Eles me deixavam fazer as mesmas coisas pra eu não conseguir aprender mais coisas. Não sei se deu para entender, tipo… **Deu sim.** Eu já, eu no começo eu já tive muita dificuldade, assim.. até me encaixar, até eles me acostumarem, que eu to existindo lá, vou ficar até eles, a ideia eu acho, é difícil, demorou muito tempo eles aceitarem assim. Assim, na rua, falando com uma pessoa, ela percebe, no momento tudo bem, mas conviver, tem algumas pessoas que não aceitam.

05’52’’ - Se tudo voltasse ao mais normal possível, você ainda gostaria de voltar pra lá? pra recomeçar a vida…

06’01’’ - Eu… eu acho que não tem aquele chance, assim, tipo.. porque eu penso que parou a guerra, vamos pensar que agora parou. Daqui 10 anos, até arrumar tudo, até voltar tudo normal, 10 anos no mínimo, assim… porque não tem governo, tá tudo destruído, tem muita gente que… fora do lei, aí o menos possível é 10 anos. Daqui 10 anos eu já construí uma vida aqui, então eu acho que, aqui, eu já construí uma vida fora do país, né?! é difícil assim, eu não acho que volto, posso voltar assim para visitar, mas para morar e começar de novo… já to com 28, imagina, 40 vou voltar para fazer… entendeu?! assim, eu acho impossível, mas eu não falo nunca, porque a gente não sabe. Eu acho muito difícil.

07’11’’ - E daqui 10 anos, no Brasil, como que você pretende tá?

07’16’’ Rica, ai (risos)... Não sei, assim, melhor do que agora, com certeza, né?! de tudo assim, eu quero. Mas tipo, não sei como.. eu nunca falo que quero ficar assim porque, tipo, eu já coloquei muita, na Síria eu já coloquei muitos planos, aí tipo, de repente, você acorda e acaba tudo, entendeu?! Não sei, mas eu quero ser muito melhor do que agora. É isso.

07’55’’ - Por enquanto, planejar um dia de cada vez né?

07’58’’ - É.. é isso que eu acho, o momento tem que viver… porque a gente não sabe amanhã o que, o que que tem.

Dia 11 de setembro de 2020 - Nilton Carvalho - Assessor de comunicação no Centro de Referência para Refugiados da Cáritas São Paulo. Entrevista realizada pelo Google Meet.

00’01’’ - Qual é o trabalho desenvolvido pela Cáritas?

00’04’’ - Então cara, é bem complexo porque a Cáritas ela e… uma organização que é vinculada com a igreja né? E.. ela trabalha em vários países, ela tá acho que em mais de 180 países, e nesses países ela faz algum trabalho social. Onde eu trabalho, é um trabalho muito específico que é o Centro de Referência para Refugiados, é o principal trabalho da Cáritas São Paulo. Só que assim, fora o nosso trabalho, tem um monte de pastorais né, enfim, sei lá, trabalhos com a população de rua, população carcerária, é.. sei lá, violência contra a mulher, reforma agrária, tem um monte de frentes aí né?! E ela não tá só em São Paulo né, então assim, tem esse guarda-chuva, Cáritas Internacional, Cáritas brasileira, e aí as outras regionais aí, nós estamos vinculados à regional São Paulo. Só que assim, cada uma tem uma certa liberdade pra fazer seu trabalho, e elas se conversam mas tem bastante autonomia, então é bem difícil de você, de eu te explicar assim como que é o vínculo institucional que todas elas têm. Mas basicamente assim, é… elas vão trabalhar em alguma área social, e aqui no Brasil esse projeto da Cáritas São Paulo começa quando… lá na década de 70, depois de uma comissão de justiça e paz, que começou a se preocupar

com migração, só que naquela época, a migração era de pessoas que fugiam de ditaduras aqui na América Latina. Então começa esse trabalho lá atrás, e aí, depois da redemocratização do Brasil, e a constituição de 88, no começo dos anos 90 é formulada uma lei, uma lei de refúgio né?! a 9474. E aí, enfim, a Cáritas participou das discussões e tal, e foi criado o Conare, que é o órgão do Governo Federal que analisa os pedidos de refúgio né… e, a Cáritas São Paulo junto com a Cáritas Rio, as duas juntas, que trabalharam essa temática, elas começaram a fazer… elas, elas, foram convidadas né, a fazer parte do Conare, pra representar a sociedade civil, por conta de todo esse histórico aí. Então desde então, a gente realizado esse trabalho, e claro, com a redemocratização do Brasil e a abertura do primeiro escritório da ONU aqui no Brasil, especificamente a agência da ONU pra refugiados, começa também uma parceria com a Acnur né, que é a agência da ONU que cuida dessa temática aí.

04’00’’ - Então são duas coisas né, a lei do refúgio e a Cáritas sendo parceira da Acnur implementando projeto de acolhimento e tal, efetivamente. Mais ou menos isso, assim, esse histórico aí.

04’12’’ - Como funcionam os atendimentos? Vocês atendem mais ou menos quantas pessoas?

04’21’’ - Cara os atendimentos eles são em média de 80 atendimentos por dia assim, todos os setores né, juntos. Quando era presencial era isso, só que eu não consigo te dizer como que tá esse percentual agora no modelo remoto. Eu acredito que tenha aumentado, porque no modelo remoto acaba, as demandas de WhatsApp acabam sendo maiores, as pessoas acionam mais o nosso trabalho. E sem contar a pandemia né, que é um momento que, as vulnerabilidades ficam ainda mais acentuadas, por conta da pandemia, desemprego, crise, é, os lugares fechados, um monte de gente perdeu emprego, trabalhador autônomo né! Então, e claro, os serviços públicos também, tão começando a voltar agora e tal, então estavam parados também, então questões de documentação, então acredito que tenha aumentado né?! Mas assim, vamos ver o antigo normal, o antigo normal eram 80 atendimentos por dia.

05’35’’ - Como eles tomam conhecimento do trabalho de vocês? Como eles chegam até vocês?

05’42’’ - Então, eles ficam sabendo do trabalho da Cáritas por uma série, assim, tanto pelo histórico que a gente tem, de trabalhar com isso já há 40 anos né, mais de 40 anos, como também pelos espaços que eles vão frequentar, assim, abrigos, por outras pessoas que são refugiadas, por órgãos públicos. No aeroporto de Guarulhos parece que tem um guichê lá da prefeitura de Guarulhos que indica, que é especificamente pra pessoas que tão chegando em situação de refúgio e tal, precisam de informações. Então lá elas também são informadas. Os equipamentos de assistência social das cidades. Então assim, é, por todos os espaços de atendimento que a pessoa for passar, Polícia Federal, enfim, acaba, eles acabam indicando pra pessoa procurar a Cáritas. Então, é… quando a pessoa chega pela primeira vez ela faz um cadastro né, a gente tem uma equipe de acolhida, e a gente tem uma sala lá com umas carteiras tipo de escola, que tem o apoio pra você escrever, e aí essa equipe se divide ou junta pequenos grupos ou atende individualmente, e ela preenche junto com a pessoa o cadastro, já fazendo perguntas iniciais, já pra saber tanto da condição migratória, se é refúgio mesmo, se não é a gente indica outras organizações como a Missão Paz por exemplo que é lá no Ministério né?! Que são parceiros nossos também. É… Mas se a pessoas é refugiada mesmo ou já vem com protocolo de solicitante de refúgio, a gente faz o cadastro da pessoa, identifica as vulnerabilidades e demandas que ela precisa, e a partir dali a gente faz o encaminhamento para os outros programas né?! Geralmente, ela passa no mínimo por três programas, proteção, que é a questão de documentação, toda essa demanda do Conare; Assistência, né?! que é doação, encaminhamento pra abrigo, alguma questão de saúde que a pessoa precisa que a gente faz encaminhamento pros serviços públicos específicos né?!; E a integração que já é um programa de autonomia, de aprender o português, buscar trabalho ou algum curso. Esses são os três principais, a maioria das vezes as pessoas passam pelos três. A proteção porque a pessoa vai fazer a entrevista com ela, a mesma entrevista que o governo brasileiro faz através do Conare a nossa equipe de proteção faz a mesma entrevista, porque de repente ela fala alguma coisa pra gente e não fala pra eles. A gente tem uma equipe de pesquisa também, que analisa com informações do país de onde a pessoa vem, o que ta acontecendo lá, então a gente anexa um monte de informações nesse depoimento e leva lá nas discussões que a gente

participa lá em Brasília né?! Então assim, a proteção é certeza que a pessoa vai ter que passar em algum momento. Então assim, é… através da acolhida, desse primeiro atendimento, a gente já faz o agendamento pros outros programas. A saúde mental é um outro serviço que a gente tem, mas é um serviço mais pontual, não são todas as pessoas que passam pela Cáritas que precisa de um atendimento psicológico.. enfim.. geralmente são os outros programas que identificam se a pessoa ta precisando de ajuda e tal, e aí encaminha para a nossa psicóloga. Mas no geral, esses três programas que eu falei, Proteção, Assistência e Integração, é o básico assim, sempre que a pessoa chega precisa passar por esses programas aí.

10’38’’ - Então, nós trabalhamos com… todos os nossos programas trabalham em rede né?! com parceiros, então atualmente a gente tem 15 cursos de português parceiros nossos, espalhados pela cidade, então a gente indica sempre o mais próximo de onde a pessoa ta morando né?! A gente ajuda com condução também quando as pessoas precisam e tal, a gente tem uma pequena verba do Acnur pra casos de extrema vulnerabilidade, depois eu posso te explicar, mas é tipo um auxílio em dinheiro por uns três meses, que é uma verba da ONU mesmo. Então assim, nós trabalhamos com os cursos de português, pra você ter uma ideia, a gente tem várias filiais do Sesc em São Paulo que oferecem esse curso, o Sesc dá o espaço e o Senac oferece a questão didática, o professor e a apostila, né?! E a gente tem outros menores também, né?! Tem algum coletivo que tá num bairro específico que dá curso de português, ou alguma igreja que faz um trabalho, o cursinho popular Mafalda da curso de português também, que é um cursinho famoso aí que é pra alunos que vêm do ensino público que não tem condições de pagar um cursinho, enfim. O pessoal da Mafalda faz esse trabalho com refugiados também, dando cursinho de português. Tão assim, são vários parceiros, né?! Alguns com muita estrutura como o Sesc e o Senac, outros são menores, mas que também ensinam o básico do português.

15’05’’ - Pegando um ponto específico. Como funciona a questão da integração?

15’14’’ - Essa frente aí ela é um pouco complicada porque na integração a gente lida tanto com o curso de português como com curso profissionalizante, ou estimular as pessoas a voltarem a estudar, sei lá, quando uma universidade abre vagas pra

refugiados também nos cursos né, a gente estimula a participarem, a gente divulga coisas do Enem. A gente essa frente mas também tem essa frente do trabalho também. E o trabalho, enfim, ta muito complicado hoje em dia porque a gente vive uma crise econômica, enfim, as empresas estão contratando pouco, né?! tanto que um dos ganchos principais da pessoa que coordena a integração é mobilizar as pessoas pra arrumarem o próprio negócio momentaneamente aí, pra tentarem uma renda, pelo menos durante esse período de crise aí, né?! porque a expectativa é que essa retomada de empregos demore ainda no Brasil. Mas a integração ela acaba passando por isso e eu acho que até algo mais, assim, porque, cê tem que aprender a língua, cê tem que, sei lá, tentar trabalhar na sua área, sua área de atuação aqui, você tem que ter seus filhos na escola, né?! e tudo isso ele tem direito, os serviços públicos, as pessoas que tá com documento têm direito. O problema é se assim, se essa escola ta preparada pra receber os alunos de outros países, né?! Se tem uma metodologia específica, se tem uma política, sei lá, do MEC, de inclusão de imigrantes e tal, que a gente sabe que não tem, né?! o que a gente percebe que ta melhor estruturado são as universidades públicas, elas têm inclusive mais vontade de promover ações de receber as pessoas da melhor maneira possível, né?! mas fora isso tem outras coisas, né?! a questão dos equipamentos públicos de São Paulo, por exemplo, São Paulo é uma cidade cosmopolita, né?! a gente tem pessoas que falam línguas, que tem algum programa específico da prefeitura ou do governo que mostre culturalmente a cidade pras pessoas, algum centro cultural em que ela possa participar de atividades e tal, junto com brasileiros… Passa tudo por aí, né?! Tem uma série de questões aí, entendeu? que são maiores do que.. tudo isso, tem uma série de barreiras aí, né?! Então acho que integração não é só você tá trabalhando e aprender a língua, né?! tem várias coisas.

18’58’’ - E vocês têm recebido retorno se a integração vem surtindo efeitos?

19’05’’ - É difícil falar te falar assim, efetivamente se ta acontecendo ou não, eu acho que o Brasil tem muitas barreiras assim, né?! o serviço público que é limitado, não tem uma política migratória específica, pouca comunicação dos governos e tal em relação a uma política de migração. Então assim, e a iniciativa privada também participa pouco, o que a gente vê são mobilizações pontuais da própria sociedade civil

que as vezes se engajam nessas questões, e a universidade pública também que é sempre aberta a essas questões também.

19’50’’ - Como que você foi parar na Cáritas?

19’58’’ - Eu comecei como voluntário lá no Centro de Referência, no período que eu tava fazendo mestrado, eu tinha bolsa e tal, e aí eu recebia uma grana e não podia trabalhar remuneradamente. Aí eu fui ficando e quando acabou o mestrado, a pessoa que tava na comunicação saiu e me fizeram uma proposta, e eu to lá desde 2016. Continuo estudando, to fazendo doutorado atualmente, mas eu não tenha aquela bolsa que você recebe grana e tal, então posso continuar trabalhando. Enfim, pra currículo também eu acho que acabou ajudando muito, eu já tinha trabalhado em redação, já tinha trabalhado em agência de comunicação, né?! Então é uma experiência a mais de terceiro setor que eu acabei agregando aí. E aí vim parar lá, né?! Ali é um ambiente que é interdisciplinar, tem o pessoal do direito, pessoal das relações internacionais, assistência social, psicologia, ciências sociais, né?! é bem misturado assim, a gente aprende bastante, né?! convivendo lá com outras pessoas de outras formações e tal. Tem também pessoas refugiadas na equipe que já passaram por lá, não tão mais, já passaram, voluntário que são também imigrantes. Então é bem diversificado a equipe lá.

21’34’’ - Teve alguma história por lá que te marcou?

21’39’’ - Então cara, todos tem histórias de muita força, porque não é fácil você, sei lá, sair de um país sem muita coisa na bagagem, sem ter planejado e tal, e as vezes nem queria vir pro Brasil, né?! Brasil nunca é a primeira opção. Pessoas vem pro Brasil porque ela tentou, sei lá, queria ir pra Australia, pro Canadá, pra Alemanha, aí não consegue aí a quarta opção é o Brasil. Então é um trabalho de readaptação a um outro contexto é sempre complicado, né?! essa questão cultural é sempre muito difícil essas tensões, né?! Mas assim, embora a gente tenha uma monte de história de pessoas que tão procurando emprego, tão precisando sempre acionar a Cáritas pra pegar cesta básica, ou pra ter um auxílio financeiro por alguns meses, que é uma coisa passageira e tal, são muitas situações de vulnerabilidade que a gente lida todos os dias, mas tem também né, algumas histórias legais de, sei lá.. de… Teve uma vez

que um adolescente chegou lá, ele não é da minha época, mas eu conheci ele depois, de que ele chegou pelo Porto de Santos, né?! numa embarcação, tava meio escondido, nem sabia que ia vim pro Brasil, desembarcou lá, tinha 17 anos. E aí levaram ele pra São Paulo e tal, ele procurou a Cáritas, e aí a gente indicou pra ele, eu não né, mas a equipe, né?! indicou um cursinho popular pra ele lá colado a USP e tal, ele fez, primeiro aprendeu o português, depois fez o cursinho pra prestar o Enem, né?! e aí ele prestou o Enem e passou nos principais cursos de medicina que acho que é da Federal de Minas, é um dos mais concorridos assim. Faz tempo que não tenho notícias dele, mas ele deve ter o que, terceiro, quarto ano, assim, já tá bem encaminhado já. E pelo que eu soube, parece que ele quer fazer projetos de saúde social, assim, passou por uma situação de vulnerabilidade e agora ele vai fazer um trabalho… Enfim, ele não vai querer ter o escritório, o consultório particular dele, né?! Ele vai querer fazer um trabalho na saúde pública, né?! Então, isso é bem legal. **Da onde que ele veio?** Do Congo, congolês.

24’32’’ - Mulheres que tão aqui sozinhas com os filhos, trabalhando, e consegui colocar os filhos na escola, eles tão indo bem, né?! E elas estão trabalhando e cuidando dos filhos, os filhos na escola e elas tendo que pagar aluguel. Então são sempre histórias, assim, é… de muita luta assim, de muita dificuldade, porque já é… pra uma mulher brasileira já é difícil, né?!, pra uma mulher que veio de outro país, que não domina direito a língua, não domina direito a cultura daquele espaço ali, é complicado. Então assim, são muitas situações de… sensíveis que a gente se depara todos os dias né. Tem também lá na Cáritas, já aconteceu de casais que se separaram quando fugiram do país e se reencontraram lá, assim, tipo cena de novela. E aí assim, já aconteceu da assistente social identificar pela história que a mulher ta contando, identificar assim “puxa, mais bate com a história que fulano me contou”, né?! e aí ela pergunta ali, “olha, por acaso você é companheira do fulano e tal?”, e aí ela fala “Ah sim”, e aí ela fala “ah, se vocês quiserem se reencontrar, ele passou por aqui” e tal, porque as vezes eles não querem se encontrar, sei lá, pode ter acontecido várias coisas nesse caminho, né?! Mas, quando sim, a gente marca, eles se encontram lá, sempre é emocionante assim de ver né?! Porque eles pensaram que tinham morrido e tal, porque quando cada um vai pra um lado você não sabe a trajetória. É complicado, você as vezes entra num país e, sei lá, podem acontecer milhares de coisas, né?! cê não sabe o paradeiro da pessoa, e é curiosos, eles vieram se encontra

justo no Brasil. Então, é… Todo dia de trabalho acontece algo diferente assim, nunca é uma rotina muito marcada, sempre tem alguma coisa que chama a atenção.

26’43’’ - De que forma você diria que esse trabalho agregou na sua vida?

26’52’’ - Ah eu acho que mais repertório de convivência com outras pessoas, assim, de… com trajetórias diferentes e tal. Eu já conhecia pessoa imigrantes, eu tenho amigos que são de outros países aqui do Mercosul e tal… é… mas é uma migração diferente quando a pessoa vem planejado e tal, então assim, a gente sempre aprende bastante quando organiza eventos que tem rodas de conversa, que tem uma interação e tal, e de certa forma a gente acaba pegando amizade, eles avisam a gente o que que ta acontecendo, sei lá… o filho nasceu vai lá na Cáritas pra mostrar pra equipe e tal, ou vai levar um diploma. Então isso é sempre bem legal, cê vê que as pessoas tão de fato conseguindo construir suas vidas aqui no Brasil, apesar do momento ruim que o Brasil ta passando. Então é sempre bacana. E as histórias também de por exemplo, tinha um rapaz que era da equipe que trabalhava na acolhida, ele foi a primeira pessoa que atendeu uma mulher quando ela chegou né, e ela tava grávida, e quando o filho nasceu ela deu o nome desse rapaz, que foi a primeira pessoa que atendeu ela aqui no Brasil. É bacana, tem bastante coisa que acontece assim. Então acho que essa convivência com outros repertórios de outros lugares, né?! a pessoa falar como era o país dela, trazer um pouco do, sei lá, da música, da culinária, é sempre bacana assim, acho que é um aprendizado que…. e claro, a gente entender como que o mundo funciona, digo assim, todas as desigualdades, né?! porque que acontecem tantas migrações, a gente tem que olhar pra esse cenário global, desigual, né?! tem muita interferência, assim, dos países ricos, esses países que… de onde vem as migrações, a gente nunca pode perder de vista, olhar criticamente essa geopolítica desigual, né?! Enfim, capitalismo de acúmulo de riquezas que deixa os outros vulneráveis e tal, né?! Isso também é uma outra questão que eu sempre olho com uma olhar mais crítico, né?! E também, como jornalista, acho que a questão das pessoas também, né?! pessoas tão diferentes, a gente conversando todos os dias, bem legal assim, acho que a gente abre, assim, um leque de conhecimento cultural, geopolítico, enfim, bem legal.

Dia 24 de agosto de 2020 - Mohamed Dughmosh - Refugiado sírio residente em Ribeirão Preto e gerente do restaurante Mundo Árabe. Entrevista realizada pessoalmente por meio de gravação de áudio.

00’’01’’ - Faz quanto tempo que você tá aqui no Brasil?

00’05’’ - Aqui no Brasil já.. quase 7 anos.

00’08’’ - De que região da Síria que você veio?

00’10’’ - Hãã.. Povo saiu de lá de Damasco, interior de Damasco.

00’15’’ - E você veio pra cá…

00’15’’ - Refugiado, sou refugiado, infelizmente. A gente saiu de lá por causa da guerra. Última vez caiu uma bomba, fica em frente da nossa loja. Saiu de lá fiquei mais ou menos uns três, quatro meses em Damasco, na capital, porque a capital ficou até hoje protegida, a cidade protegida, ficou.. é, fiquei quatro, cinco meses, morei perto da embaixada do Brasil. É consegui, peguei uma visto e vim pra cá.

00’40’’ - Você disse que tinha uma loja lá? Uma loja de presente

00’44’’ - Fora isso, como que era o seu dia a dia, o que você costumava fazer.. Lá você falou? **Lá.**

00’46’’ - É verdade, eu... a gente.. fiz faculdade lá até o.. terminei a faculdade, saiu de.. comecei como comerciante, tendeu? Abri uma loja, é, de presente. Andava super bem, é ganhava super bem, graças a Deus, mas infelizmente um, um dia pro outro teve que sair de lá.

00’59’’ - E você veio pra cá com a sua família?

01’02’’ - Não, vim sozinho. Cheguei pra cá sozinho, é.. minha situação, com sucesso aqui graças a Deus, cheguei pra cá, pedi uma noiva de lá pra cá, foi uma, uma noiva

importada também, (risos). É, graças a Deus, agora já tenho uma família, dois filhos também, brasileiros. É.. mais velho já quatro anos, ele vai fazer quatro anos dia 21 de setembro, o mais novo um ano e cinco meses, ribeirão-pretano, mais novo.

01’22’’ - Você sente falta de alguma coisa por lá?

01’24’’ - Quando cheguei pra cá, primeiros dois anos eu chorava muito, chorava muito, hã… porque fiquei criado lá 31 anos, cheguei pra cá com 31 anos, 30, 30 anos mais ou menos. É.. cê, claro que cê vai sentir falta, o país, terra, é.. lembrança, um monte de coisa, primos amigos. A gente perdeu também ali primos. É… chorava muito. Trabalhava num posto de combustível, é… trabalhava de madrugada, posto de combustível. É.. chorava muito, é, senti falta. Quando a minha esposa chegou pra cá, já tive mais uma companheira, tendeu? é, já logo logo passou, mas até hoje a gente sente falta.

02’02’’ - Você veio para o Brasil por quê? Por que especificamente o Brasil? Tinha algumas outras opções?

02’08’’ - É verdade, a Europa pra um refugiado é “seja bem-vindo, mas você vai se virando no caminho”, tendeu? Cê vai, tem muita gente morrendo no mar, acho que você já escutou, os sírios, muitos sírios caíam no mar, tem muita gente, é.. sofre. A Europa é “seja bem-vindo, mas você vai se virando no caminho”, sem visto, sem passaporte, sem nada, pode chegar, mas, cê vai se virar. Aqui no Brasil deu tudo com suce, deu.. tudo fica mais fácil pra tirar o documento, pra tirar o visto. É, primeiro visto eles abriram oportunidade pra sírios na Síria, na embaixada da Síria, eu consegui tirar visto lá, de Damasco mesmo, eu tirei o meu, o meu visto de lá. É, fica muito fácil, tava sem documento, sem nada, só o passaporte com dois fotos e paguei mais uma taxa de, do visto, só isso. Não pediu nada, tem muitos documentos que pediu, é, extrato do banco, certidão criminais, essa coisa do, documentação, tendeu? sem documentação tirei o visto, fica mais fácil, **- Bem facilitado -** É!! Facilitou muito.

03’15’’ - O Brasil fica o… quando a gente chegou pra cá também achou, é… a gente acha o povo brasileiro gente boa. É! Receptivo, mão aberta, tendeu? Abraçado. A

gente acha, cê sente falta do seu país, acha aqui o povo, o melhor (inaudível), infelizmente.

03’36’’ - E aqui em Ribeirão, como é que você veio parar aqui?

03’40’’ - É verdade, o refugiado ou qualquer estrangeiro, ele procura onde já tem uma, uma base, entendeu? Os árabes. Quando cheguei pra cá eu fui pra Uberaba, fiquei lá três anos, o meu primo tava lá, ele tem um posto de combustível. Trabalhei com ele quase três anos, abriu mais uma oportunidade pra mim aqui no Ribeirão Preto, pra melhorar a nossa vida, entendeu? Eu acho (inaudível), Ribeirão Preto fica melhor que Uberaba, por causa do, a cidade maior, tendeu? É, a gente mudou pra cá.

04’16’’ - Quando você veio pra cá você sabia falar português?

04’18’’ - Não. Os árabes, 99% chega pra cá não falava nada.

04’24’’ - Passou muita dificuldade por causa disso?

04’25’’ - É verdade, não demorou muito não, fiquei mais ou menos nove meses. É! Não demorei muito. Quem já tem uma fluência com outra língua já é fácil pra falar português. **04’37’’ - No caso, você tem fluência com qual? -** Eu falava port… inglês, mas hoje esqueço tudo (risos), falava super bem, mas esqueço tudo, quase tudo.

04’47’’ - Por essa questão da dificuldade com o idioma, por ser uma pessoa nova aqui, você sentiu alguma diferença.. Assim, você disse que o pessoal aqui foi mais, receptivo - Isso, os brasileiros, é - **mas teve alguma situação que você se estranhou com alguma pessoa ou alguma pessoa se estranhou com você?**

05’03’’ - Sim, um assalto, assalto. **- Sério?** É **- Como que foi? -** Opa!

05’06’’ - Quando cheguei pra cá, eu cheguei pra cá em 2014, o primeiro assalto tava, eu tava aqui mais ou menos 20 dias, não falava nada, não sabe nada, eu tava frente da loja de conveniência, a gente espera pra o, pra sair pra casa, tendeu? final do dia. Uma cara parou com revólver, eu nunca vi um assalto na minha vida, nunca imaginei,

tendeu? Parou, e falava “passa tudo, passa, passa”, você né dá dois minutos pra tirar tudo e sair, pra correr. Eu não falava nada, meu primo tava na frente de mim, ele passa pra meu primo, meu primo passa pra mim, tendeu? Passa tudo, passa o dinheiro, perguntava pro meu primo, ele falava pra mim passar o dinheiro, eu não tinha dinheiro quando ele falou pra mim. Tava com um relógio, mais ou menos 500 dólares, eu passei pra ele, óculos, pulseira, é… Levou tudo, o meu celular também, é Samsung tava. Levou tudo, tava com 20 dias, eu desanimei, fiquei desanimado. É fiquei desanimado, não sabia nada, primeira vez, tendeu? Eu fiquei com medo, desanimado. O meu primo ele falou pra mim, “Mohamed, se você vai, pensa assim, você vai muda pra outro país, qualquer país tem o ruim, tem dois lado entendeu? Tem que ver uma coisa positiva, não pode ficar com coisa negativa. Brasil é um país bom”.. É ele falou pra mim e eu fiquei. (risos).. É mas não sabe quantas vezes foi assaltado **- 06’35’’ - Nossa, sério? -** Opa! Por semana mais ou menos duas vezes.. É… O bairro tava perigoso, tava uma favela entendeu? Meu primo ele comprou lá o posto de combustível dele lá, não sabe, não sei o que.. (Risos).

06’50’’ - E aí uma situação, essa foi de assalto, sim… Mas uma situação específica por você ser de outro país. Você já presenciou? De alguém de estranhar você?

06’59’’ - Não, não! Nunca! Nunca! Nunca, um povo.. nunca, nunca, trata super super. Acho o brasileiro trata super bem com estrangeiro. É… É porque tá com o coração bom. Juro! Fala a verdade, não fala na cara de vocês. É… Graças a Deus. É.. nunca, nunca, o povo tratou.. quando anda com minha esposa, a minha esposa usa véu, eles tratam super bem.

07’28’’ - Quando você veio pra cá, você teve ajuda do seu primo, né? Sim - **Mas teve alguma outra ajuda, de pessoas que você não conhecia?**

07’35’’ - É quando cheguei, quando cheguei no posto de combustível, porque eu fui direto num posto de combustível, é tem funcionários lá, eles ensinam língua portuguesa, eles ensinam.. é isso… comprar o chip do celular, é, comprava as coisas tava em falta, entendeu? ensinou um monte de coisa. Não, brasileiros também tem muito funcionário lá, até hoje, ah.. amigos.

08’01’’ - ~~Silencio~~ 08’24’’

08’27’’ - Que que você tem de notícia do que ta acontecendo lá? Você tem contato com pessoas que ainda moram lá?

08’30’’ - Sim, a gente quase todos os dias, hmm… to conversando. Hm.. Lá a situação ta feia demais, infelizmente. A nossa casa, a minha casa lá já, ta toda destruída. O meu pai ele tinha uma prédio de três *andar*, seis lojas. É, com hm.. seis apartamentos. Tudo destruído, eu vou de mandar uma foto. É a minha irmã, ela ta lá, na Isvela, ficou lá. Ela mora no capital, mudou da nossa cidade, ficou no capital. eh.. a nossa cidade não tem como pra viver, tem falta de energia, tem falta de água, tem falta um monte de coisa. Eh.. tudo fica mais caro pra eles, se a gente for pra lá hoje, por causa do dólar a diferença do valor, tendeu? *cê* acha tudo barato, mas pra eles é muito caro. É, a coisa é muito caro. Infelizmente.

09’37’’ - E você pretende algum dia voltar pra lá se as coisas melhorarem?

09’42’’ - Não. A nossa terra ficou aqui, É.. A nossa terra ficou aqui. Porque a minha família já saiu de lá, pai, mãe, irmãos, tudo já, refugiado (risos).

Dia 17 de setembro de 2020 - Enick Joseph - Refugiado haitiano residente em Ribeirão Preto. Entrevista realizada pessoalmente por meio de gravação de áudio.

00’04’’ - Me fala o seu nome, devagar, que é pra entender…

00’08’’ - Meu nome é Enick Joseph.

00’16’’ - Você veio do Haiti?

00’18’’ - Sim.

00’19’’ - Como que era sua vida por lá? O que você fazia?

00’23’’ - Ah, lá a vida é muito complicada, de lá. (inaudível) De lá, saiu de nós muito pouco. Aí recebia pouco, trabalhar também, não tem bastante trabalho por lá, por isso nós saiu de lá. Vem aqui, deu uma melhorada, né? Trabalhava pouco e recebia pouco.. agora salário não é bom para nós, estrangeiros. Salário que *nóis* recebe aqui é só pra pagar aluguel, casa e comer, pronto. Da pra mandar um dinheiro pra nossa família, né?! Aqui é complicado. Agora to tranquilo aqui, ficar tranquilo, beleza… que não tem ninguém que me força, não tem muito racismo, tem também, tem muito, depende lugar onde você morar. Ah aqui eu to tranquilo, ficar trabalhar… ajudar meu família de lá também.

01’28’’ - Sua família ainda tá lá?

01’29’’ - Tem, tem mãe, irmão, filho também… Pra mandar dinheiro é complicado.

01’39’’ - Por que eles não conseguiram vir pra cá?

01’40’’ - Difícil né?! Difícil pra arrumar visto, né?! Pra arrumar dinheiro também. Um exemplo: pra comprar uma passagem, quatro mil e pouco, mais barato, pra arrumar dinheiro, um exemplo, eu receber R$1.500 por mês, pagar um aluguel lá é R$600,00, mais ou menos. Comprar comida (inaudível) pagar luz, água, internet, aí não tem nada pra sobrar, guardar um dinheiro pra entrar família né?! Pra vir família então fica sofrido demais. Comer pouco (inaudível), por isso tem que ficar lá, não dá, não tem dinheiro na verdade, pra arrumar e entrar família vai demorar muito.

02’37’’ - Pra vocês lá sempre foi difícil?

02’41’’ - É difícil mesmo, pra arrumar visto.. fui comprar passagem, é ruim, né?! por isso é difícil pra pessoas vim. Só pra arrumar visto aí dá oito mês pra demorar, antes, vai mais rapidinho, agora demorar demais.

03’01’’ - Como que foi, como que você chegou aqui no Brasil?

03’03’’ - Para mim entrar aqui, eu passo de lá de Equador, primeira visto tem um visto da República Dominicana. Eu entrar lá em República Dominicana pra comprar passagem pro Equador. Quando eu entrar em Equador, aí eu entrar aqui no Brasil de país pra país. Sair de outros país pra entrar no outro. Saí de lá do meu país em abril, fiz como 15 dias em Equador, fiz como 15 dias lá em Peru também, entrar em Lima, Tombes, muito país mesmo. Tem país que foi só passar, dormir e ir embora. Demora muito, até chegar no Brasil.

04’16’’ - Aí aqui no Brasil quando você chegou, que que você fez?

04’19’’ - Fui tirar meu carteira de trabalho, CPF, depois fui lá na Federal tirar meu protocolo aí pronto, agora tem todas coisa de Brasil certinho. **04’33’’ - Hoje você tá trabalhando com o que? -** Trabalha com boca de lobo agora, limpar bueiro. Trabalhar não gosta, aí não tem nada pra fazer, não dá pra sentar sem fazer nada. Aí tem mulher, tem filho, tem mãe, a primeira coisa é a mãe, (inaudível), não vou deixar minha mãe sofrendo não, filho também, primeiro mãe, aí segundo filho e mulher, três coisa mais pesado, minha família. Ah to aqui, vou trabalhar, receber pouco e to tranquilo.

07’11’’ - Você disse que aqui tem racismo também. Em todo país tem. **Nos outros países por onde você passou, você também passou por situações de racismo?**

07’22’’ - Ah tem pessoa que não trata a pessoa bem. Um exemplo eu tava lá em Equador, todo mundo tranquilo, todo mundo é igual, quando saí de lá do Equador pra entrar em Tombes, aí nenhum gostar de moreno lá não, nenhum, aí trata a pessoa mal, passei lá oito dias lá, as pessoas trata muito mal lá onde pagava hotel pra dormir. Dono de hotel não gostava de moreno, não, pedia as comida, se pedia a comida agora chegava lá pras nove. Quando perguntava pra ele o porque ele falava “sai fora, tem que esperar”.

09’05’’ - De que forma você sofreu racismo aqui no Brasil?

09’11’’ - Só numa empresa quando eu trabalhava lá, quando machucou o dedo lá, ainda não ta bom. Aí quando chegou em casa inflama, eu machuquei o dedo lá. Tinha um cara que trabalhava comigo, o seu operador, manda ele desligar a máquina para mim, ele não desligava, eu fui desligar a máquina, quando tem dois mané vem junto pra ligar a máquina de novo, aí travo o dedo. Sabe o que o chefe fez? Tem hospital pra dentro lá da empresa, uma empresa grande, e não me mandaram pro hospital, volta pro trabalho. Quando fui lá de tarde, não consegui trabalhar, o outro que viu não consegue me levar pro hospital, e falou “diabo! demônio”, falou comigo. Eu não reclamar nada com ele, só passou na delegacia, passou o boletim, certinho, todas coisa que falou comigo, quando precisar mandar eu embora, não queira mandar embora, por causa do dedo quebrado.

ANEXOS

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Carolina Silva Pedroso, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Luciano Bezerra Da Silva Filho, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Exilados e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli .

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 25 de Agosto de 2020.

Assinatura:

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu **Nilton Faria de Carvalho**, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Luciano Bezerra Da Silva Filho, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Exilados, e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 15 de setembro, de 2020.

Assinatura:

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Laura Menegim Donadelli, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Luciano Bezerra da Silva Filho, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: "Excilados"

e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Gláucia Cortez Mantelli

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 08 de Setembro de 2020.

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto · Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Mohamad Dughmosh, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Luciano Bezerra Da Silva Filho, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Exilados

e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 28 de August de 2020.

Assinatura: _____

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá
CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu ENICK JOSEPH, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Luciano Bezerra Da Silva Filho, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Exilados

e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Mortelli

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 12 de setembro de 2020.

Assinatura: ENICK JOSEPH

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Eu Lineth Hierdons Uparte Bustamante, abaixo assinado(a), autorizo (nome do estudante) Luiano Bezerra Da Silva Filho, estudante do **Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto**, a utilizar as informações por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Exilados e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli.

Ribeirão Preto, 21 de Setembro de 2020.

Assinatura do entrevistado

UNAERP CURSO DE JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Tamar Julian, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Luciano Barreto Da Silva Filho, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Exilados

e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Flávia Cortese Martelli

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 20 de Novembro de 2020.

Assinatura: Tamar